

BOLETIM



INFO-AMEX



Edição Especial Nº 03 - Abril a Junho | 2022

AMEX, uma Escola de Líderes



HORA, LEALDADE E CORAGEM



DESTAQUES

VISITA DOS DIRETORES TÉCNICOS DOS PROJETOS 1, 2, 3 E 4 ÀS INSTALAÇÕES DA AMEX



Pág. 6

FAA E A POLÍCIA DE INTERVENÇÃO RÁPIDA JUNTAS NA DEFESA DO TERRITÓRIO NACIONAL



Pág. 7

AS CRIANÇAS SÃO O MELHOR DO MUNDO



Pág. 10

A LIDERANÇA NAS ACADEMIAS MILITARES: A CAMINHO DE NOVOS DESAFIOS



Pág. 14

ORGANIZAÇÃO DO ABASTECIMENTO NAS FAA



Pág. 36

INFECÇÃO DO TRATO URINÁRIO



Pág. 42

SUMÁRIO

Oferta de livros à biblioteca da AMEx	5
Palestras sobre operações de apoio à paz e as forças especiais ...	5
Visita dos diretores técnicos dos projetos 1, 2, 3 e 4 às instalações da AMEx.	6
FAA e a polícia de intervenção rápida juntas na defesa do território nacional	7
10 de junho dia de Portugal de camões e das comunidades portuguesas	8
Abertura da campanha de exaltação patriótica por ocasião das eleições gerais de 2022 na AMEx	9
As crianças são o melhor do mundo	10
Meio ambiente e desenvolvimento sustentável	12
A liderança nas Academias Militares: A caminho de novos desafios	14
Gestão académica participativa como alternativa para o aumento da qualidade do processo docente educativo na academia militar do exército	17
O trabalho metodológico: uma ferramenta para o melhoramento do processo docente educativo na academia militar do exército	20
Jornadas científicas na academia militar do exército	22
Cibersegurança e combate aos crimes cibernéticos	24
Os movimentos de libertação de Angola. Interação entre as partes e as suas relações externas	27
A revolução urbana - origem das primeiras cidades	30
Combatentes de caneta na mão e poesia no coração	32
Alupolo – educação na sociedade rural	34
Organização do Abastecimento nas FAA	36
Psicopedagogia e arte terapia encontro no processo ensino aprendizagem	40
Infecção do trato urinário	42
Perfil	46
Hino da AMEx	47

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Academia Militar do Exército
DIRECTOR
Capitão - Arminda Margarida Camati Pongolola
REPORTAGENS
Área de Comunicação e Imagem
FOTOGRAFIAS
2º Cabo – Bartolomeu Paulo
T.Civil – Feliciano Gabriel (Chipa)
DESIGNER E PAGINAÇÃO
Capitão - Arminda Margarida Camati Pongolola
REVISOR
Coronel – António Manuel Ernesto
T.Coronel – Martinho Paris
T.Coronel – Carlos Gabriel (Assessor Português)
COORDENADOR
Coronel – António Ernesto Calenga
PRODUÇÃO
Repartição de Educação Patriótica
IMPRESSÃO
Imprimarte
TIRAGEM
50 Exemplares
DISTRIBUIÇÃO
Repartição de Educação Patriótica

COMANDO DA AMEx



T. General José Alberto Veiga
Comandante da AMEx



Brigadeiro Jacinto Dumbo Graciano
2º Comandante



Coronel - António Ernesto Calenga
Comandante Adj. p/ Educação Patriótica



Coronel Jacobs Chandley Viongo
Director de Ensino

ORGÃOS DE APOIO AO COMANDO



T. Coronel Elisio Joaquim da Silva
Chefe da Repartição de Estado e Planeamento



Coronel António Manuel Ernesto
Chefe da Repartição de Educação Patriótica



Coronel Francisco Barros
Chefe da Repartição de Centro Inteligência Militar



Coronel Mpindi Mungodi
Chefe da Repartição de Pessoal e Quadros



Coronel Simão Leandro Gong
Chefe da Repartição de Logística



Coronel - António Pedro
Chefe da Repartição de Finanças



Coronel António Teodoro
Chefe da Repartição de Saúde



Coronel Baptista Ernesto António
Chefe da Repartição de Avaliação e Acreditação



Coronel Albino Filipe Bartolomeu
Chefe da Repartição de Gestão Tecnológica



T. Coronel - Augusto Manuel
Chefe da Secção de Auditoria e Disciplina



Major Joaquim António
Chefe da 6ª Secção



Capitão Luísa Carlos
Chefe da Secção de Serviços Gerais



T. Coronel Domingos Romão
Chefe do Centro de Telecomunicações



T. Coronel Albino Guilherme Chimuco
Chefe do Centro de Telecomunicações

COMANDANTES DAS SUB-UNIDADES



Coronel António Luis Domingos
Cmde do Corpo de Cadete



Coronel Edwen Paulo Candungulu Matos
Cmde da Unidade de Apoio à Instrução



Coronel José Augusto Pinheiro da Silva
Chefe dos Serviços Gerais

ORGÃOS DA DIRECÇÃO DE ENSINO



Coronel Loureço Victor Bingo
Chefe do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação



Repartição Escolar



T. Coronel António Buengo
Chefe da Repartição de Psico-pedagogia e Orientação Educacional



Coronel Marciano Ektorio Sambembu Sostene
Chefe do Departamento de Ciências e Tecnologia Militar



Coronel César Fernandes Amaro
Chefe do Departamento de Exercício e Treino



Coronel Jerónimo Manuel Carlos
Chefe do Departamento de Ciências Exatas e Naturais



Coronel Júlio Missão Tomé
Chefe do Departamento de Ciências Sociais, Humanas e Linguagens



Capitão Damião Nunda Kaita
Chefe da Biblioteca e Museu

NOTA DE ABERTURA

“Transformar e formar, para melhor Servir”



Coronel - António Ernesto Calenga
Comandante Adj. p/ Educação Patriótica

Olhando e lendo o título da nossa Nota de Abertura, facilmente o caro leitor poderá compreender que queremos falar de um objecto social e/ou missão de uma instituição ou organismo social na componente “formação”. Deveras, queremos mesmo falar disso - a missão!

De acordo com algumas definições gramaticais, sociológicas e filosóficas, as duas palavras (transformar e formar) divergem-se, mas convergem-se no sentido da sua aplicação ou seja, no seu significado: transformar = fazer mudar de forma e/ou do aspecto de ser, enquanto formar = significa atribuir forma, modificar; Num só sentido, as palavras Transformar e formar significam mudança ou seja, nova forma de ser, de aparecer e de estar de um indivíduo na sociedade. Isto é, nova forma de comportamento do indivíduo, tal como biblicamente se diz: «... em Cristo nova criatura é». A institucionalização da Academia Militar do Exército, significa exactamente isso – transformar e formar ou seja, o seu objecto social é transformar o Soldado em Oficial das Forças Armadas Angolanas e nunca uma mera superfície de busca de patentes e de exibição de diplomas para uma “irracionalidade comportamental e bagunça pedagógica”, obviamente colocando em causa os princípios que norteiam as FAA e seus objectivos preconizados nesse âmbito.

Para qualquer instituição que se dige ser funcional, dinâmica e rejuvenescida deverá considerar a formação dos seus quadros como um dos fundamentos da razão de sua existência na continuidade e na simplificação dos

fenómenos e outros desafios na sua missão.

Ao Exército cujo seu objecto é a guerra, Isabel Allende, escritora chilena/1942, escrevia: “A guerra é a obra de arte dos militares, a coroação da sua formação, a insígnia dourada da sua profissão. Não foram criados para brilhar na paz”.

Transformar e formar significa ter um carácter visionário e para as Forças Armadas nada mais senão, considerar a paz como “um intervalo na guerra”, devendo na paz procurar fazer “a melhor formação que ganha, não é boa” (Muricy Ramalho, br.1955).

Uma formação que ganha é aquela que realmente transforma e coloca ao “serviço” da instituição e da Nação, valências epistemológicas que venham traduzir o verdadeiro objecto de uma Academia.

Na actualidade a noção de “formação” está associada, seja na sociedade civil como nas instituições militares, não apenas à ideia de profissionalismo que compreende a realização de cursos com o objectivo da inserção laboral e/ou de actualização (reciclagem de conhecimentos) ou de aumentar e adequar o conhecimento e as habilidades dos seus membros, em prol dos objectivos preconizados, mas a de fazer o homem mais competente sobre os desafios que em cada dia tornam-se mais complexos para as instituições.

Por isso, as Academias e Institutos militares, devem ser compreendidos, seja por militares, como essencialmente pelos formandos, como “centros científicos” preparados, seja para transmutar, como para obter a proficiência sobre a ciência, onde no final espera-se que os formandos não só se revistam de conhecimentos cognitivos (saber-saber), mas sobretudo que encarnem, não apenas dos valores mais elevados do patriotismo e da cidadania, mas também dos (valores) filosóficos, éticos, culturais, morais e deontológicos que fazem do homem e da mulher militar, um ser social diferente, porque está comprometido com a sua Pátria e com a sua honra. Melhor servir, passa por um processo de virtudes, onde o patriotismo é indubitavelmente o âmago de todos os

sentimentos pois, ele orienta os homens e as mulheres a amarem a sua Pátria que em termos sociológicos ela significa mãe.

A Academia Militar do Exército, independentemente das semelhanças e dos objectivos em comum, num conjunto dos demais Estabelecimentos de Ensino Superior do Exército, ela configura-se como uma unidade histórica, não apenas como Academia, mas desde da era da “Escola de Sargentos – Comandante Benedito e Escola de Formação de Oficiais”, onde os seus (produtos) formandos, marcaram e ainda marcam diferença, seja pela disciplina, como pela competência técnico-pedagógica e militar, até ao nível superior da hierarquia das FAA. Por isso, quem dela servir-se deverá antes de mais, preservar esse legado do tradicionalismo académico, fazendo o melhor.

Passado mais de uma década a Academia Militar do Exército (AMEx) continua nesse desafio, com um sentimento, não apenas de responsabilidade, mas de comprometimento na acção formativa e “transformadora química” de jovens do Mundo Civil para verdadeiros Oficiais (elementos do Estado) a quem recairá a confiança deste, conferindo-lhe o poder Institucional de chefia e/ou de líder nas FAA.

Uma década não é verdadeiramente o tempo suficiente de confirmação do estado de adultez na carreira, quanto o assunto é formação, mas a maturidade psicológica, pedagógica, moral e cognitiva dos seus didactas comprovam uma coroadada avenida de léxicos do A, B, C, D...e do grau de cientificidade que lhes anima galgar e transpor qualquer “cordilheira” da ciência militar.

A verdade disso, não vem apenas nas nossas palavras, mas da qualidade do “produto final” que ela coloca no Exército o que tem suscitado “boas referências” no complexo caminho do “melhor servir”.

O subjetivismo que paira sobre vários domínios do complexo caminho da formação, é considerado de relativismo temporal pois, tal como confirma um adágio secular: “A Roma não foi construída em um dia”.

OFERTA DE LIVROS À BIBLIOTECA DA AMEX

Tente Coronel: Carlos Gabriel
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)

No âmbito da Cooperação no domínio da Defesa, no dia 13 de maio de 2022, os assessores Portugueses do Projecto 2, fizeram entrega de um conjunto de livros oferecidos pela Academia Militar de Portugal à Academia Militar do Exército (AMEx).

Como sabemos, o livro é um instrumento fundamental na aquisição de conhecimentos e para a sua disseminação daí, esta oferta, permitir reforçar a ligação entre dois estabelecimentos de Ensino Superior Universitário Militar, congéneres e irmãos, incrementando a literatura sobre temas tão



actuais como: a Estratégia, a Geopolítica e a História Militar, possibilitando actualizar áreas de investigação na formação dos futuros Oficiais do Exército Angolano.

Ao tomar a palavra, o assessor português referiu que “o dominador comum, que é falar e escrever a mesma língua, a de Camões, facilita estes pe-

quenos contributos que são de uma grandeza indiscutível pela importância do Livro no meio académico”.

Para além dos assessores portugueses marcaram presença nesta singela cerimónia Sua Excia. Tenente-General José Alberto Veiga, Comandante da AMEx, os Oficiais do Comando da AMEx e todos os Chefes de Repartição.



PALESTRAS SOBRE OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ E AS FORÇAS ESPECIAIS

Cap: AMCamati Pongolola
Oficial de Comunicação Social da AMEX



A sala de conferências local encheu-se de cadetes dos vários cursos existentes na AMEx, no dia 19 de Maio de 2022, onde foram brindados com duas palestras organizada pela Assessoria militar portuguesa da AMEx, subordinadas aos temas: - as Operações de Apoio à Paz; e as as Forças Especiais, cujos palestrantes

foram os senhores Tenentes-Coroneis de Infantaria, António Oliveira, e Sérgio Castanho respectivamente.

As temáticas abordadas tiveram como público-alvo os Cadetes aos quais, no final das palestras, foi-lhes dada a possibilidade de esclarecerem as dúvidas no espaço disponibilizado, colocando questões relativas aos temas.



Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



O conhecimento transmitido foi de grande importância e muito positivo, tendo sido feito o convite, aos Assessores portugueses palestrantes, para voltarem às instalações da AMEx e aprofundarem os temas apresentados ou apresentarem outros temas que fossem do interesse dos Cadetes da AMEx.



VISITA DOS DIRETORES TÉCNICOS DOS PROJETOS 1, 2, 3 E 4 ÀS INSTALAÇÕES DA AMEx

“Cmdte da AMEx manifestado a sua satisfação pela cooperação portuguesa e pelo desempenho dos Oficiais portugueses, em funções na AMEx, realçando a sua importância para a melhoria da qualidade de ensino”

Cap: AMCamati Pongolola
Oficial de Comunicação Social da AMEx

No âmbito da Cooperação da Defesa, em 19 de maio, decorreu uma visita dos Diretores Técnicos dos Projetos 1, 2, 3 e 4 à Academia Militar do Exército (AMEx).

A visita foi recebida por sua Excelência Comandante (Cmdte) da AMEx, Tenente General, José Alberto Veiga, na sala de reuniões do edifício de Comando, onde os Diretores Técnicos apresentaram cumprimentos ao mesmo e trocaram as primeiras impressões sobre as actividades decorrentes do Objetivo Específico 2, do Projecto 2, tendo sua Excelência Geneneral Cmdte da AMEx manifestado a sua satisfação pela cooperação portuguesa e pelo desempenho dos Oficiais portugueses, em funções na AMEx, realçando a sua importância para a melhoria da qualidade de ensino.



A delegação foi encaminhada para a sala de conferências, onde foi brindada com uma mensagem de boas-vindas do



Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)

Exmo. Cmdt da AMEx, ao que se seguiu um briefing proferido pelo Diretor de Ensino, Cor Jacobs Chandley Viongo “Ley”, sobre a missão da AMEx, visão, estado atual, situação do processo docente educativo, estado do cumprimento do Projecto 2 e breves conclusões.

Cumprindo a agenda proposta deu-se início à visita às instalações e aulas teóricas e práticas, que estavam a decorrer. De realçar a visita à biblioteca onde o Exmo Cmdt da AMEx fez referência à última oferta de livros por parte da Academia Militar portuguesa, efectuada pela Assessoria. Neste mesmo local o Assessor, TCor Carlos Gabriel, referiu a necessidade de se montar uma rede informática interna na biblioteca, que possibilite, aos alunos e demais utentes, aceder ao

acervo digital existente e bibliografia disponível. Na continuação da visita foi possível assistir a uma aula prática de trabalho combativo do Pelotão de Artilharia, que estava a ser ministrada ao 4º ano do curso de Artilharia, junto à parada do Corpo de Cadetes.

A terminar a visita o chefe da delegação, Coronel Tir Raúl Matias, foi convidado a assinar o Livro de Honra onde salientou a importância da AMEx como pilar fundamental do sucesso do Exército, das Forças Armadas Angolanas e de Angola.





FAA E A POLÍCIA DE INTERVENÇÃO RÁPIDA JUNTAS NA DEFESA DO TERRITÓRIO NACIONAL

As Forças Armadas e a Polícia de Intervenção Rápida sempre andaram juntas para levar a bom porto a honrada tarefa “a Defesa do Território Nacional e da Integridade do Solo Pátrio”

Texto: Civil: Serafim Cabita

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



O Comando provincial da Polícia de Intervenção Rápida (PIR) de Benguela, visitou a Academia Militar do Exército (AMEx), no passado dia 1 de Junho do corrente ano. Enquadrada no âmbito das festividades do 30º (trigésimo) aniversário da fundação daquele Órgão da Polícia Nacional, uma comitiva de aproximadamente 15 efectivos da PIR, chefiada pelo senhor Superintendente José Pedro Francisco, deslocou-se a AMEx para uma visita de confraternização.

Já na sala de conferências foram brindados com uma mensagem de boas-vindas, sucedida de um informe síntese sobre o estado actual da Academia Militar do Exército, com particular realce ao processo docente educativo, e um vídeo que ilustrava todo o processo de recrutamento e selecção de cadetes, apresentado pelo senhor Coro-

nel Jacobs Chandeley Viongo, Director de Ensino.

Ao tomar a palavra o senhor superintendente, José Pedro Francisco, agradeceu pela recepção que ele e a comitiva que o acompanhava tiveram, tendo também realçado o facto de só depois de manter contacto in loco com o interior da AMEx e tomar contacto com o processo de formação desta Instituição de Ensino, é que percebeu a real dimensão e importância do papel da Academia Militar na prospecção, preparação e formação de quadros não só para o Exército ou para as FAA, mas de uma forma geral para as “forças de defesa e segurança” do nosso país. Continuando, o Comandante da PIR manifestou a vontade de estreitar as relações entre as duas instituições no sentido de haver intercâmbio de experiências e conhecimentos tendo mesmo enfatizado que a instituição que

dirige tem “muito a aprender” com a AMEx.

Por sua vez, Sua Excelência Tenente General, José Alberto Veiga, Comandante da Academia, agradeceu a visita da comitiva da PIR e lembrou aos presentes que as Forças Armadas e a Polícia de Intervenção Rápida sempre andaram juntas para levar a bom porto a honrada tarefa “a Defesa do Território Nacional e da Integridade do Solo Pátrio”. Terminou afirmando que a Academia está de braços abertos para receber a PIR sempre que possível.

Importa aqui referir que a Polícia de Intervenção Rápida, foi criada no dia 04 de junho de 1992 como consequência da mudança de constituição, do multipartidarismo e do direito a manifestação e desde então caminhou de mãos dadas com as FAA no cumprimento das missões emanadas superiormente.



10 DE JUNHO DIA DE PORTUGAL DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

“O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas celebrado a 10 de Junho, marca a morte de Luís Vaz de Camões (poeta), dia da Língua Portuguesa e das Forças Armadas”

Cap: AMCamati Pongolola
Oficial de Comunicação Social da AMEx

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



Na AMEx, este dia não passou despercebido por dois motivos: por ser o dia da língua portuguesa (Língua falada por todos nós) e por termos a presença de assessores portugueses nesta instituição de Ensino. As celebrações desta efeméride foram marcadas com apresentação de uma palestra subordinada ao tema “10 de Junho Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas”, ministrada pelo Sr. Tenente Coronel de cavalaria, Gabriel, na sala de conferências local, onde estiveram todos os membros do comando e não só.

Durante a sua dissertação, o palestrante fez uma viagem histórica para melhor elucidar os presentes dizendo que o 10 de Junho ganhou notoriedade durante o Estado Novo sob a Direcção de António de Oliveira Salazar. Acrescentou que de 1933 até à Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974, era celebrado como o Dia da Raça: a raça portuguesa ou dos portugueses.

Historicamente a primeira referência ao carácter festivo do dia 10 de Junho é no ano 1880 por um decreto real de D. Luís I que declara “Dia de Festa Nacional e de Grande Gala” para comemorar apenas nesse ano

os 300 anos da hipotética data da morte de Luís de Camões, 10 de junho de 1580. Até ao 25 de Abril de 1974, o 10 de Junho era conhecido como o Dia de Camões, de Portugal e da Raça, este último epíteto criado por Salazar na inauguração do Estádio Nacional do Jamor em 1944. A partir de 1963, o 10 de Junho tornou-se numa homenagem às Forças Armadas Portuguesas, numa exaltação da guerra e do poder colonial. Com uma filosofia diferente, a Terceira República converteu-o no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas em 1978.

ABERTURA DA CAMPANHA DE EXALTAÇÃO PATRIÓTICA POR OCASIÃO DAS ELEIÇÕES GERAIS DE 2022 NA AMEx

Texto: Civil: Serafim Cabita

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



O Comandante Adjunto para Educação Patrióticas (EP) do Exército, procedeu a abertura das jornadas de exaltação patriótica por ocasião das eleições gerais de 2022 na Academia Militar do Exército. A cerimónia de abertura das Jornadas na AMEx decorreu no passado dia 17 de Junho (2022), onde sua Excecência Tenente General, José Maria Marques, Comandante Adjunto para E.P. do Exército, presidente da mesma, esteve ladeado pelo tenente General, José Alberto Veiga, Comandante da AMEx, Brigadeiro Jacinto Dumbo Graciano, 2º Comandante, Coronel, Ernesto Calenga, Comandante Adjunto para EP AMEx, e Coronel Ley, director de Ensino. Estiveram também presente Chefes de Repartições, Departamentos, Catedras, Oficiais a distintos níveis, Sargentos, Praças e Cadetes. Diante da tropa em parada, o presidente do acto começou por esclarecer que os objetivos da sua presença nesta instituição

de Ensino Superior Militar, enquadraram-se no vasto programa concebido pelo Estado Maior general, que visa a reforçar no seio das Forças Armadas, a importância das eleições em Angola, o valor que os militares dão as eleições, o seu papel neste processo e o reforço da consolidação da democracia. Continuando, o Tenente General Marques, apelou a reflexão á disciplina militar consciente, ao espírito patriótico e cidadania, antes durante e após as eleições.

Exortou e aconselhou também o efectivo da Academia Militar a serem tolerantes e exemplares durante todo o processo eleitoral, visto que é um período de manifestações partidárias, de

alguns excessos da parte de muitas forças políticas e não só pelo que é necessário que as Forças Armadas Angolanas que são o garante da unidade nacional, sejam tolerantes aos possíveis insultos ou provocações.

Terminou a sua intervenção apelando a todos os presentes que exerçam os seus direitos de voto, sem qualquer sobressaltos, que “todos estejam preparados para defender a democracia, a paz, as fronteiras, a tranquilidade e a soberania nacional”. Por ser essa a principal responsabilidade do Exército em particular e das FAA no geral.

De referir que o Tenente General Marque, fez parte de uma comitiva chefiada por Sua Excecência General, João António Santana “Lungo”, Chefe de Estado Maior General Adjunto para Educação Patriótica das FAA, que deslocou-se á província de Benguela com o propósito de acompanhar a abertura das Jornadas de exaltação patriótica, referentes as eleições gerais de 2022 nas unidades militares sediadas nesta Província.





AS CRIANÇAS SÃO O MELHOR DO MUNDO

“Fernando Pessoa, poeta português que dá o nome a um dos maiores prémios de literatura lusófona, escreveu num dos seus poemas: ‘O melhor do mundo são as crianças!’. Sim, concordo em absoluto. O problema é que este objectivo não está ainda cumprido. Pelo contrário, são inúmeras as violações dos direitos das crianças. Portanto, trabalhar na sua defesa continua a ser uma missão fundamental para todas as sociedades, instituições e pessoas particulares”

Cap: AMCamati Pongolola
Oficial de Comunicação Social da AMEx



Junho abre com o Dia Mundial da Criança e é o mês do ano onde faz mais sentido reflectir sobre a situação da infância no mundo e sobre o muito que podemos e devemos fazer para que se cumpra a vontade deste poeta lusófono. A guerra, a fome e a pobreza são factores de risco para um sadio e digno desenvolvimento integral das crianças. É logo por aqui que a batalha por mais dignidade deve começar.

OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO (ODM)

O ano 2000 foi marcado por este plano das Nações Unidas, aplicável no mundo inteiro. Todos seguimos com preocupação este projecto da ONU. Era muito ambicioso, nós o reconhecemos. Mas era fundamental dar um passo decisivo neste sentido. Alguns dos itens (senão mesmo todos) afectavam as crianças. Por exemplo, a erradicação da fome e da po-

breza, atingir o ensino básico universal, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna...são grandes objectivos difíceis de alcançar. Também foi importante a focagem na garantia da sustentabilidade ambiental e do combate à malária, sida e outras doenças. Finalmente, foi e é decisivo o compromisso na aposta de um desenvolvimento sustentável e sustentado.

Em 2015, avaliaram-se os ODM e lançaram-se os Objectivos



do Desenvolvimento Sustentável, tentando dar-se um passo em frente. E, para 2030 está já apontada a Agenda 2030, um plano desenvolvido também pela ONU para erradicar a pobreza que persiste, através da promoção do desenvolvimento, reduzindo as desigualdades sociais, garantindo a paz, lidando melhor com as alterações climáticas e evitando, a todo o custo, a degradação ambiental. Vamos tentar responder a esta pergunta que a todos causa incómodo: que futuro queremos deixar aos nossos filhos e netos?

Mais de 7,5 milhões de crianças órfãs da covid-19

A Catholic Relief Service (CRS), a Caritas Americana, fez uma investigação à escala do planeta acerca dos efeitos da covid 19 sobre as crianças. As conclusões são demolidoras: mais de 7,5 milhões de crianças sofreram até agora a perda de um progenitor ou cuidador principal por causa desta pandemia. Este número, segundo a investigação, tenderá a aumentar, gerando um sem número de crianças abandonadas e, potencialmente, abusadas. Os caminhos do tráfico humano e da exploração do trabalho infantil ficam mais abertos, dada a exposição maior a que estas crianças ficam sujeitas.

VÍTIMAS DO TRÁFICO HUMANO

A União Europeia publicou um estudo segundo o qual 22% das vítimas do tráfico humano são crianças. É um núme-

ro que arrasa a consciência da humanidade e compromete seriamente o seu futuro digno. Destas crianças traficadas e abusadas, 78% são do sexo feminino. Mais chocante ainda é descobrir – e esta investigação aponta para aí – que 64% destas crianças vítimas de tráfico humano são utilizadas para obter lucros através do abuso sexual. Mais uma vez, relatórios rigorosos apontam para a existência de uma realidade profundamente desumana que já deveria ter desaparecido há muito tempo das práticas sociais. É um crime de enorme dimensão, mas os números apontam para um aumento de casos, o que é se torna ainda mais preocupante.

EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) declarou 2021 como o Ano Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil. Por mais que as sociedades tenham evoluído e os direitos humanos implementados, continuam a atentar contra a consciência da humanidade os números demolidores de casos de crianças cuja infância é negada e espezinhada. O trabalho infantil impede a vivência de uma infância saudável e normal.



O impacto mais notório é na escolaridade, pois as crian-

ças que trabalham não vão à escola ou, se vão a algumas aulas, não têm capacidade de aprendizagem, por causa do cansaço que o trabalho provoca. Na maioria dos casos, está provado, quer a causa quer o efeito do trabalho infantil tem um nome: pobreza! O trabalho infantil reveste-se, em muitos casos, de violência extrema, quando as crianças e adolescentes são retirados das suas famílias e obrigados a esforços desumanos. Muitas das crianças traficadas entram nestas rotas mafiosas de exploração de trabalho infantil, mendicidade forçada ou mesmo criminalidade.

Todos os estudos sobre esta problemática estão de acordo que o trabalho infantil é mental, física, social, moral e espiritualmente perigoso e prejudicial para as crianças.



CONCLUSÃO

Se o melhor do mundo são mesmo as crianças, temos que lhes assegurar um futuro de excelência: com paz, respeito pelos direitos humanos, justiça e condições de vida dignas. É uma missão difícil, mas não impossível. Temos que continuar a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que o mundo seja um espaço de felicidade, justiça, paz e fraternidade universal.



MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

“Quer seja no campo como na cidade, dentro ou fora dos quartéis o militar tem diariamente o contacto com a natureza, com a terra, a água, os animais e as plantas. Esse pequeno artigo surge como um contributo na consciencialização do caro leitor sobre a problemática do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável”

Texto: Zulmira Marília dos Santos Chico



Partindo da ideia de que o ambiente é o ar que se respira, o meio natural e social que nos rodeia, remete-nos a relação que este tem com o desenvolvimento sustentável numa altura em que o mundo se recupera da Covid-19 enfrenta a crise planetária das mudanças climáticas, perda da natureza e a poluição.

A ideia sobre o Desenvolvimento Sustentável é atribuída à Burtland, no início da década dos 70 em que os ecologistas desencadearam a partir da crise do planeamento urbanístico, confrontados com os conceitos de planeamento económico, desenvolvimento integrado e desenvolvimento regional, surge o relatório Burtland que trouxe um grande impacto no mundo intelectual e tornou-se num dos mais importantes documentos do desenvolvimento. Burtland chamou atenção para

o desenvolvimento perdulário e sem futuro que se tem praticado (a destruição assustadora de materiais não renováveis e o grande ecossistema global já é visivelmente afectado por essas destruições).

Pensa-se que se deve tomar medidas e atitudes que irão no sentido de contribuir para a sustentabilidade e contra o esbanjamento de recursos, quer a nível territorial, sectorial e nas comunidades.

I- MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1.1 - Medidas globais de promoção do desenvolvimento sustentável.

À luz da Conferência Mundial para o Desenvolvimento Social, realizada em 1995, e, mais recentemente, em 2000, a Cimeira do Milénio. Esta última fixou oito objectivos principais para o desenvolvimento humano, os

Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, designadamente: A erradicação da pobreza e da fome:

- O acesso universal ao ensino primário;
- A promoção de igualdade de género e capacitação da mulher;
- A redução da mortalidade infantil;
- A melhoria da saúde materna, combate ao VIH/SIDA, malária e outras doenças;

A promoção de um ambiente sustentável:

- O desenvolvimento de parcerias globais para o desenvolvimento.
- A substituição paulatina do uso do carvão e do petróleo por energias “limpas”;
- Intensificação de transportes públicos “limpos” contra transportes privados;
- Políticas de estímulos e apoio efectivo ao peão e ao ciclista;



1.2. Medidas locais em Angola para o desenvolvimento sustentável.

No nosso país, no âmbito da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável através do Ministério do Planeamento, traçou a Estratégia de Combate à Pobreza - ECP. Esta estratégia surge num contexto de consolidação da paz e na sequência dos objectivos e prioridades fixados nos programas do Governo que advogam a necessidade de se promover um desenvolvimento económico e social abrangente e sustentável.

Neste contexto o Governo Angolano traçou as seguintes dez prioridades:

- A Reinserção Social (de desmobilizados das FAA e refugiados):
- A Segurança e Protecção Civil (Desminagem do território):
- Segurança Alimentar e Desenvolvimento Rural (fixação das populações nas zonas rurais e fomento agrário):
- O combate ao VIH/SIDA (com uma taxa de prevalência estimada em 5,7%, e ainda do desconhecimento da população mais pobre);
- A Educação (básica universal e a erradicação do analfabetismo):
- A Saúde (combate à malária):
- As Infra-estruturas Básicas (provisão de água, energia e saneamento):
- Emprego e Formação Profissional:
- A boa governação:

- A Gestão Macro-económica (garantir a confiança dos investidores e aumento da actividade empresarial e rendimento da população).

1.3 - Os desafios locais ambientais e do desenvolvimento sustentável

A nível local podemos levantar vários problemas que comprometem a qualidade do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável que podem ser acrescentados pelo caro leitor. Tendo em conta que nossas áreas de actuação constituem fundamentalmente a cidade do Lobito (AMEx) se identificam os seguintes desafios:

- A diferença entre crescimento demográfico e crescimento sustentável (manutenção permanente de um padrão de vida saudável e confortável):
- Os movimentos migratórios massivos em direcção a cidade do Lobito e não só:
- Poluição do ar devido a obras de engenharia nas estradas, tráfego excessivo em vias não asfaltadas:
- Poluição dos mangais (podendo elevar os níveis de radioactividade afectando assim a vida animal):
- Afectação da paisagem urbanística e do ordenamento do território com a construção habitacional ilegal e desordenada:
- Deficiente distribuição de água potável as zonas periféricas da cidade (a proibição pelas autoridades da comercialização da água por camiões que enchiam

suas cisternas em poços localizados nas proximidades do cemitério da Catumbela);

- A gestão dos resíduos sólidos e as grandes endemias como a malária, febre tifóide e doenças diarreicas agudas:
- As inundações na época chuvosa:
- Desvio permanente ou temporário dos cursos de água;
- Eliminação da cobertura vegetal (abrimos a discussão sobre a substituição da limpeza através da capina pelo corte por foice ou máquina de cortar relva, em espaços adjacentes as nossas subunidades protegendo assim os solos e mantendo o verde):

E na comuna do Tola (Unidade de Apoio a Instrução) podemos identificar os seguintes desafios: Alteração das cadeias alimentares, dos ciclos de reprodução, alteração ou ruptura de vias migratórias, modificação do comportamento e perturbações por luzes e ruídos.

Um desafio muito particular para os militares dentro das casernas, salas de aulas e outros locais de trabalho é o cuidado com o lixo, combate a malária e os artigos com produtos inflamáveis). Ter em conta que cada um deve fazer a sua parte para protegermos o meio ambiente e promovermos o desenvolvimento sustentável.



Zulmira Marília dos Santos Chico
Professora de Protecção Ambiental e Gestão de Calamidades



A LIDERANÇA NAS ACADEMIAS MILITARES: A CAMINHO DE NOVOS DESAFIOS

A liderança é a ação de influenciar pessoas, proporcionando um propósito, uma direção e uma motivação para cumprir a missão e melhorar a organização. Esta definição distingue-se do conceito de comando, que é definido como a autoridade conferida por lei e pelos regulamentos a uma pessoa para dirigir, controlar e coordenar forças militares, enquadrada pela responsabilidade, a qual não pode ser delegada

Autor: Tenente Coronel - Renato Santos (Assessor Português)

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



Actualmente, os exércitos têm a necessidade de desenvolver actividades multidimensionais, que vão desde as operações militares clássicas até à protecção civil, passando pela sua presença em ambientes internacionais, integrando forças multinacionais. Esta multiplicidade de uso encerra importantes desafios aos exércitos, impondo aos líderes uma actuação de maior complexidade e eficácia, pois o ambiente actual é caracterizado cada vez mais, pela imprevisibilidade. Perante os desafios inerentes

às novas realidades, os líderes militares devem decidir, apoiando-se na sua capacidade intelectual, no seu pensamento crítico e criativo e nas suas experiências pessoais no âmbito operacional, como em contextos de treino. Assim, a responsabilidade de preparar os futuros Comandantes para os diversos contextos obriga aos exércitos modernos uma formação centrada na aquisição de proficiências e mestrias de liderança, materializadas num conjunto de competências transversais que garantam a firmeza de carácter, flexibilidade

de psico-física, capacidade de adaptação, pensamento crítico, entre outras, que permitam dentro das fileiras potenciar os recursos disponíveis. Entende-se como competências transversais, as capacidades e aptidões cognitivas, sociais, e atitudinais, comuns e necessárias para as diversas actividades laborais, sendo possuidoras de dois atributos diferenciadores, a transversalidade e a transferibilidade, i.e., isentas de especificidades profissionais e situacionais, sendo susceptíveis de se executarem em áreas/contextos diferentes



Estas competências diferem das técnicas ou específicas, pois estas são aquelas que estão directamente relacionadas a uma actividade ou emprego. As competências transversais, assentes na missão, nos princípios e nos valores organizacionais de cada Exército, devem formar a lógica educativa que sustente o “modelo de liderança” ministrado nas Academias Militares.

A liderança do cadete durante o percurso académico.

“A formação e treino da liderança aperfeiçoa os atributos e as competências dos militares porque envolve uma modelagem contínua, intencional, sequencial e gradual das capacidades individuais e coletivas”.

Como muitas academias militares, a Academia Militar do Exército (AMEx) é um “Estabelecimento de Ensino Superior Público Universitário Militar que tem por missão formar Oficiais para o Quadro Permanente do Exército de Angola, capacitando-os no exercício das funções que estatutariamente lhes são cometidas e (...) promovendo o seu desenvolvimento individual para o exercício de funções de comando, direcção e chefia” (p. 3). Em relação ao seu regime escolar, a AMEx incide numa formação comportamental, entre outras dimensões formativas, consubstanciada numa sólida educação militar, moral e cívica, tendo em vista o desenvolvimento nos cadetes dos atributos de carácter, alto sentido de dever, honra e lealdade, e o culto da ordem e da disciplina.

Significa, que o desenvolvimento militar do cadete é produto de um somatório de dimensões basilares que se complementam, das quais se inclui a liderança, estando esta relacionada com o seu desempenho comportamental. Mais além do “saber-saber” e o “saber-fazer”, a liderança do jovem Cadete começa com o “saber-ser”, pois este deverá estar assente nos valores e atributos que moldam o seu carácter, sendo assim essencial para a emergência de um líder. Um Cadete transforma-se em líder quando, em virtude de um papel/função/responsabilidade assumida ou atribuída, inspira e influencia os seus pares para a realização de objetivos organizacionais, motiva os mesmos para prosseguir com acções e moldando as decisões para o bem maior da organização. A liderança de um Cadete requer conhecimento sobre técnicas e táticas, saberes sobre a sua organização e sobre a gestão dos recursos, e as tendências e necessidades daqueles que o rodeia. Este conhecimento molda a identidade de um líder, mas é reforçado pelas suas acções. Embora os conhecimentos, e a sua aplicação prática, sejam necessários para um Cadete Líder, por si só não são suficientes, pois podem não ser eficazes devido à INFLUÊNCIA do seu carácter. Assim, a sua estabilidade emocional e o seu estado de maturidade emocional podem ser importantes preditores do desempenho da liderança.

A formação da liderança nas academias militares: Um possí-

vel modelo a seguir.

A liderança militar é a arte de influenciar e dirigir os militares de maneira a obter a obediência voluntária, confiança, respeito e cooperação leal para cumprir a missão¹.

Durante o processo de formação da liderança de um Cadete inclui três fases (figura 1):

- Adquirir conhecimentos teóricos sobre liderança;
- Identificar, incutir e desenvolver as competências de “ser líder”
- Praticar a liderança ao longo do percurso académico.

Posto isto, a formação da liderança na AMEx deve proporcionar aos cadetes uma visão geral teórica orientada para a prática, transformando a aplicação dos conhecimentos nas melhores práticas de liderança.



Esta linha de pensamento poderá estar assente num plano repartido pelos vários anos do percurso académico dos Cadetes que frequentam as academias militares, através das unidades curriculares existentes e outras actividades extracurriculares (e.g., seminários), cursos e estágios específicos, como através das avaliações comportamentais, entre outras de diversa natureza. Um aspecto importante a salientar é a clareza no processo de desenvolvimento sincrónico e diacrónico



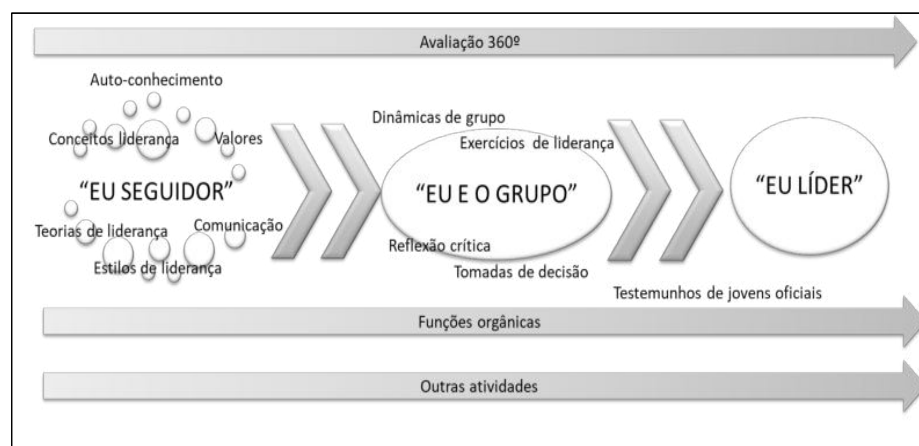
das competências de liderança ao longo do percurso académico. Após a entrada num estabelecimento de ensino superior militar, deverá existir a preocupação, da parte da cadeia de comando, mas sobretudo dos próprios Cadetes, de explorar as características individuais dos jovens estudantes. Assim, cada Cadete deverá ter a inquietação, muitas vezes pró-activa, de se autoconhecer (e.g., compreender e avaliar o seu autocontrolo, a sua autonomia e o seu bem-estar e autoconfiança). Esta procura pessoal deverá ser realizada ao longo da várias instruções e formações ministradas no Corpo de Cadetes, com apoio de outras secções, repartições, departamentos ou cátedras (e.g., Cátedra da Educação Patriótica e Repartição de Psicopedagogia e Orientação Educacional). Também é nesta fase inicial que os Cadetes abordarão os vários conceitos e teorias sobre a liderança, juntamente com os valores intrínsecos à doutrina de cada Exército, com o objectivo de aplicarem ao longo da vida. Também é nesta fase de integração, que se deve dar relevância ao “ser seguidor”, pois os futuros Oficiais para serem reconhecidos como líderes deverão primeiramente ser identificados como bons seguidores. O aspecto da comunicação verbal e não-verbal, tem um espaço destacado nestes primeiros momentos do percurso académico, devido a sua importância. Isto, porque a comunicação é a ferramenta primordial a ser utilizada pelos líderes para influenciar com-

portamentos, motivar vontades e criar confiança nos subordinados. Após a primeira fase, começa-se a alicerçar, sobretudo nas actividades do Corpo de Cadetes, as bases sobre a relação do “eu e o grupo”, onde as actividades mais práticas prevalecem (e.g., dinâmicas de grupo e exercícios situacionais de curta duração orientados para a tomada de decisão). Assim, gera-se oportunidades de aprendizagem, no âmbito da liderança directa, dentro e fora das salas de aula. Na última fase, onde se fortalece o autoconceito “eu, líder”, o foco poderá estar direccionado para a reflexão crítica sobre testemunhos de liderança directa de jovens Oficiais, como direccionado para programas intensivos e/ou estágios que têm como objectivo fortalecer as capacidades psico-cognitivas (e.g., robustez psicológica) e comportamentais (e.g., inter-relações e tomadas de decisão) que concorram para o desenvolvimento da liderança dos Cadetes. Concomitantemente a estas actividades, ao longo de todo o percurso académico, e às funções orgânicas (e.g., nomeação para aluno-dia, chefe de turma e/

ou comandante de um pelotão/companhia/batalhão), deverá existir uma avaliação atitudinal 360º, i.e., uma avaliação que inclui uma autoavaliação, uma avaliação vertical e uma avaliação horizontal (avaliação por pares). Outras actividades poderão ser exploradas no âmbito da liderança, como por exemplo, participação em comissões de alunos (e.g., comissão para apoio social ou comissão para divulgação da AMEx em estabelecimento de ensino civis), participação em projectos científicos e em espaços de diálogo e de debate, como em seminários, conferências, etc...



Em suma, a AMEx deverá continuar a desenvolver um conjunto de oportunidades para criar e reforçar a capacitação da liderança dos Cadetes, através da conjugação da vertente académica com a militar no sentido de caminhar para os novos desafios que estão subjacentes a complexidade da actualidade



GESTÃO ACADÉMICA PARTICIPATIVA COMO ALTERNATIVA PARA O AUMENTO DA QUALIDADE DO PROCESSO DOCENTE EDUCATIVO NA ACADEMIA MILITAR DO EXÉRCITO

“Com o presente texto pretendemos partilhar uma reflexão que acreditamos ser pertinente e actual, pelo que apelamos aos dignos gestores académicos, a todos os níveis, do professor titular ao monitor, a avaliarem as possibilidades do seu enquadramento no dia-a-dia da Academia Militar do Exército”

AUTOR: JOÃO CARLOS LEIRIA GANDO

Mestre em Ciências da Educação e Professor na Academia Militar do Exército de Angola

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)

Enquanto académico e pesquisador-principiante de assuntos relacionados com a qualidade educativa/formativa e, por convite dos promotores do Boletim Informativo da AMEx (INFO-AMEx), propusemo-nos trazer uma abordagem sobre a Gestão Académica Participativa como uma alternativa para promover o aumento da qualidade do Processo Docente Educativo na AMEx. A Gestão Participativa é uma das alternativas dos vários Modelos de Gestão das Organizações que também engloba as principais funções da Administração evidenciadas por Fayol (Planear, Organizar, Coordenar, Controlar e Comandar). É um modelo que se baseia na análise das experiências anteriores, nas competências e expectativas dos membros mediante as necessidades, processos e cultura de uma organização. Trata-se de uma reflexão baseada essencialmente em estudos bibliográficos, sem descurar obviamente o que experimentamos e o que observamos no dia-a-dia da AMEx, com finali-



dade única e exclusiva de desencadear o debate académico desta abordagem.

PALAVRAS-CHAVES: Gestão Participativa; Qualidade; Processo Docente Educativo; AMEx.

SURGIMENTO, MISSÃO, VISÃO E VALORES DA AMEx

A expansão da rede de Instituições de Ensino Superior (IES) em Angola, com realce para a criação dos Estabelecimentos de Ensino Superior Militar (EESM), teve como pano de fundo a garantia de oferta formativa de nível superior no

país e minimizar os custos associados às despesas inerentes a esta formação no exterior. A AMEx tem a sua génese expressa na Directiva do Comandante-em-Chefe das FAA/2007 sobre a Reedificação das FAA/2025, que previa a criação da Academia Militar de Angola, e esta ideia veio concretizar-se através do Decreto Presidencial n.º 41/09, de 09 de Setembro, que nomeia o seu primeiro Comandante.

De acordo com o Projecto-Lei do seu Estatuto Orgânico, a AMEx contempla uma Administração Militar e Académica,



goza de Personalidade Jurídica Própria, Autonomia Administrativa, Financeira e Patrimonial. Ela foi projectada com a missão de formar Oficiais do Quadro Permanente para o Exército, cuja visão é firmar-se como escola de formação de Comandantes de Tropas e Instituição de Ensino Superior Público Universitário Militar de referência Nacional e Regional, por excelência do seu ensino, qualificação da sua formação e investigação nas distintas especialidades de interesse para a defesa nacional de Angola, alicerçada em Valores como patriotismo, honra, solidariedade, espírito de corpo, ética e liderança, com cultura própria de rigor, inovação e promoção permanente da imagem Institucional.

QUALIDADE DO PROCESSO DOCENTE EDUCATIVO (PDE)

A formação integral do homem na Universidade alcança-se mediante o PDE que é um processo multilateral concebido como a influência consciente de gestores, docentes e não só, cujos resultados se mani-

festam nos conhecimentos, habilidades e valores dos egresados (Gando, 2020).

De acordo com o projecto do Modelo de Actuação do Docente da AMEx (2022), o PDE é um processo multilateral que se desenvolve pela aplicação das influências cognitivas e educativas dirigidas à formação integral dos Cadetes, que é baseada em três componentes principais, sendo: área científica principal que corresponde às ciências e tecnologias militares; área científica complementar que contempla as ciências Sociais, Exactas e Naturais e a Formação Militar Geral voltada para o desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas, psico-motoras e comportamentais.

A qualidade é um assunto que tem sido objecto de estudo de vários e referenciados investigadores desde o final da Segunda Guerra Mundial, cuja primeira abordagem conceptual data dos anos 50 atribuída ao japonês Kaoru Ishikawa (Pinto & Soares, 2018).

Todavia, a qualidade tem sido um conceito subjectivo tendo em conta a diversidade de per-

cepções dos indivíduos sobre um determinado produto ou serviço, uma vez que factores como a cultura, o tipo de produto ou serviço, as necessidades e expectativas dos consumidores, influenciam directamente na definição do que é qualidade (Saraiva & Rolo, 2009).

Contudo, autores como Alves (2009), Santos (2013), Pinto & Soares (2018) e outros, são unânimes em aferir que a qualidade está directamente relacionada com a satisfação do cliente/consumidor. Mas, para a presente abordagem escolhemos a ideia de Sampaio (2014) que ao citar Feigenbaum (1983), diz que qualidade “são todas as características dos produtos ou serviços conseguidos pelo esforço conjunto da organização, relacionados com a satisfação do cliente ou consumidor”.

GESTÃO PARTICIPATIVA

Gestão, refere-se aos processos intencionais e sistemáticos de se chegar a uma decisão e de fazer a decisão funcionar. Em outras palavras, a gestão é a actividade pela qual são mobilizados recursos e procedimentos para se atingir os objectivos duma organização, envolvendo, basicamente, os aspectos de planeamento e técnicos/administrativos, respondendo às dimensões sociais e políticas. A mobilização de recursos implica, entre outros aspectos, fazer com que os membros duma organização actuem em função dos objectivos desta e aqui nos referimos à participação efectiva. Tal como anunciaram Toro A. & Werneck (1997), a mobili-



zação ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objectivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos.

Neste sentido a gestão participativa na Universidade está associada ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico/administrativo, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua concretização mediante um compromisso colectivo com resultados educacionais cada vez mais efectivos e significativos.

A gestão participativa é filosofia ou política de administração de pessoas, que valoriza sua capacidade de tomar decisões e resolver problemas. Ela aprimora a satisfação, motivação no trabalho, contribui para o aumento do desempenho e desperta a competitividade saudável na organização (Maximiano apud Ferreira, 2006).

A participação deve ser entendida como um processo, pois é contínua. Não porque devemos estar o tempo todo envolvidos nas decisões, mas porque ela é parte de uma vivência política e social que não se esgota num evento ou num objectivo alcançado.

Segundo Toro & Werneck (1997) a integração/participação pode ser aprendida. Pois, se conseguirmos nos entender hoje, decidir e agir para alcançar alguma coisa, amanhã seremos capazes de construir e viabilizar soluções para outros problemas. Aprendemos a conversar, a decidir e agir colecti-

vamente, ganhamos confiança na nossa capacidade de gerar soluções para os nossos problemas, fundamentos para a construção de uma organização com identidade e autonomia.

Esse modelo de gestão baseia-se nos princípios de descentralização administrativa, flexibilidade e transparência, cria oportunidades para que os actores organizacionais influenciem nas tomadas de decisões e se sintam comprometidos com o seu cumprimento. Incita a actuação directa de todos em todas as áreas de interesse colectivo, mediante o acesso eficiente de informação, promoção de debates e espaços para consultar opiniões e contribuições (Lima, 2011).

CONCLUSÃO

De forma particular, estamos numa organização académica universitária em que um dos seus principais atributos é estimular a reflexão e a investigação científica para a resolução dos principais problemas do meio em que está inserido. E esta reflexão pode ser feita, como dizia Vigotski, com a confrontação de pontos de vistas contrários, saindo deste modo do dogmatismo que nos caracteriza para a dialética.

A gestão participativa é uma abordagem que se impõe no nosso contexto, sobretudo, por causa do interesse tácito de que a AMEx e os seus cursos sejam reconhecidos pelo Instituto Nacional de Avaliação, Acreditação e Reconhecimento dos Estudos de Ensino Superior (INAAREES), o que nos

obriga a assumir novos desafios no âmbito da gestão, sendo a colegialidade um deles. Vale destacar, por exemplo, que as IES angolanas estão, neste momento, em processos eleitorais dos seus membros directivos. Não que consideramos que a AMEx deva também experimentar este exercício eleitoral, mas que, a discussão dos assuntos inerentes à gestão da Instituição devia envolver a participação de todos, para que haja um maior comprometimento dos efectivos em relação à mesma.

Acreditamos que temos em mãos a oportunidade e as potencialidades para a afirmação social da AMEx. Mas antes, seria deveras estratégico, velarmos por uma autonomia institucional significativa, através da aprovação e publicação dos seus documentos base como o Estatuto Orgânico e os Programas de Estudos, da nomeação e colocação dos seus actores nos cargos associados às suas áreas de formação, numa lógica de legitimação para que possamos eficazmente defender a identidade da AMEx, junto de outras Instituições de Ensino Superior Universitário.



Capitão - João Carlos Leira Gando
Mestre em Ciências da Educação



O TRABALHO METODOLÓGICO: UMA FERRAMENTA PARA O MELHORAMENTO DO PROCESSO DOCENTE EDUCATIVO NA ACADEMIA MILITAR DO EXÉRCITO

Durante a realização de um trabalho docente ou de comando, o professor ou comandante de força poderão experimentar algumas deficiências organizativas que interfiram ou impeçam o curso normal da aprendizagem ou execução.

Major Manuel Alexandre M. da Conceição

Segundo a Lei nº 32/20 que altera a Lei 17/16 de Bases do Sistema de Educação no seu II Capítulo, o Sistema de Educação e Ensino é regido pelos seguintes princípios: da legalidade, da integralidade, da laicidade, da universalidade, da democraticidade, da gratuidade, da obrigatoriedade, da intervenção do Estado, da qualidade de serviços, da educação e promoção dos valores morais, cívicos e patrióticos e da língua de ensino.

A qualidade de serviços de acordo a nossa lei, entende-se como a observação de “elevados padrões de desempenho e alcançar os melhores resultados no domínio científico, técnico, tecnológico e cultural e na promoção do sucesso escolar, da qualidade da excelência, do mérito e da inovação” (República, p. 4432). Como melhor alcançar a qualidade dos serviços dentro desta instituição? Uma das vias para este efeito é o uso do Trabalho Metodológico.

1.DEFINIÇÃO, OBJECTIVO E ESSÊNCIA DO TRABALHO METODOLÓGICO

1.1.DEFINIÇÃO

Para que a aprendizagem ou execução de uma ordem aconteça é necessária a existência de um método. Método é uma palavra que provém do termo grego *methodos* (“caminho” ou “via”) e que se refere ao meio utilizado para chegar a um fim. O seu significado original aponta para o caminho que conduz a agures.

Trabalho Metodológico: o Departamento de Preparação e Superação da Direcção de Quadros do Ministério das Forças Armadas Revolucionárias Cubanas o define como “o trabalho de direcção que os chefes, pessoal docente e os chefes de unidades de estudo realizam com o objectivo de garantir qualidade e efectividade do processo docente educativo (PDE) e mestria pedagógica do pessoal docente e de comando” (2014, p. 84).

1.2. OBJECTIVO

O objectivo do Trabalho Metodológico é de garantir qualidade e efectividade do PDE bem como mestria pedagógica aos professores e pessoal de comando.

1.3. ESSÊNCIA DO TRABALHO METODOLÓGICO

A essência do trabalho metodológico está dirigida:

1. Em primeiro lugar, aos objectivos, conteúdos, métodos, formas, meios e avaliação do ensino e a educação;
2. Em segundo lugar ao desenvolvimento da mestria dos dirigentes docentes, professores e chefes.

Duma forma geral, o trabalho metodológico centra sua atenção fundamental no desenvolvimento do PDE sendo esta sua essência.

Os conteúdos do Trabalho Metodológico desenvolvem-se em:

- Reuniões Metodológicas
 - Comissões metodológicas
- O Trabalho Metodológico obedece a um programa previamente elaborado e deve ficar registado em um livro de registo para o efeito, bem como no final de cada reunião metodológica deve ser lavrada uma acta que é assinada e arquivada para consultas posteriores. Como vimos, o trabalho metodológico visa a propiciar qualidade no desenvolvimento do





2. DIRECÇÕES DO TRABALHO METODOLÓGICO



PDE, bem como na arte de comandar, para tal, o mesmo é direccionado para certas acções de formas a que possa ser mais efectivo.

As direcções do trabalho metodológico são:

O trabalho docente-metodológico é a actividade sistemática que realizam os professores através do trabalho metodológico, com a finalidade de garantir a qualidade do PDE.

O trabalho científico-metodológico é a actividade que se realiza com a finalidade de aperfeiçoar-se o PDE, através da solução dos problemas mais complexos do processo, para o qual é necessário o desenvolvimento de actividade de ciência e inovação tecnológica.

A preparação metodológica é a direcção do trabalho metodológico, na qual o pessoal dirigente, docente e de comando prepara-se sistematicamente, de forma independente, através de cursos ou da sua actuação pedagógica, para garantir o seu labor docente-educativo. Nesta direcção desempenham

um papel fundamental a preparação filosófica, ideológica, científico-tecnológica, psicopedagógica, em línguas estrangeiras, informática e os conteúdos próprios da disciplina que se lecciona.

As actividades projectadas em cada uma das direcções devem complementar-se mutuamente para a conquista dos objectivos propostos pela instituição e as unidades docentes nesta esfera de trabalho.

3. FORMAS DO TRABALHO METODOLÓGICO

As principais formas do trabalho metodológico que são empregues nas instituições docentes de nível superior militares são as seguintes:

- Escolas Preparatórias de Quadros (EPQ)
- Conferências ou workshops científico-metodológicos
- Seminários metodológicos
- Reuniões metodológicas
- Aulas instrutivo-metodológicas
- Aulas demonstrativas

- Aulas abertas
- Aulas de comprovação
- Visitas às aulas
- Controlo às aulas.

CONCLUSÃO

Nos últimos anos é crescente a preocupação da melhoria da qualidade dos serviços no sistema de ensino e para tal é importante que algumas acções sejam tomadas. Uma dessas acções é por intermédio do Trabalho Metodológico, pois este tem por objectivo garantir qualidade e efectividade do PDE bem como dotar mais mestria pedagógica aos professores e ao pessoal de comando na Academia Militar do Exército (AMEx).

Um PDE de qualidade, na AMEx, onde se observe elevados padrões de desempenho e alcance de melhores resultados no domínio científico, técnico, tecnológico e cultural e na promoção do sucesso escolar, da qualidade da excelência, do mérito e da inovação, só é possível com aplicação de um Trabalho Metodológico planificado e organizado.



Major - Manuel Alexandre M. da Conceição
Chefe da Cátedra de Engenharia Militar



JORNADAS CIENTÍFICAS NA ACADEMIA MILITAR DO EXÉRCITO

Jornadas Científicas são atividades académicas cujo pendorecai na investigação científica de temas lecionados na AMEx e não só, de maneira a se desenvolverem os mesmos, como também abrir portas para um novo leque de conhecimentos e trazer à ribalta temas de interesse público de modo a que todos estejam no mesmo diapasão.

Cadete 4º Ano – Idalesio Alívio Mesquita António

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)

A Academia Militar do Exército (AMEx) é uma instituição de Ensino Superior Público Militar, integrada no sistema de ensino superior público angolano, que desenvolve atividades de ensino, de investigação e de apoio à comunidade, com a finalidade essencial de formar oficiais destinados ao quadro permanente das armas e serviços do Exército, bem como ministrar cursos em áreas de interesse para a defesa nacional.

Dentro dessas actividades destacam-se a investigação, que por meio de um processo a que denominamos de Jornadas Científicas muito têm contribuído para o desenvolvimento do conhecimento por parte dos oficiais, cadetes, sargentos, praças e trabalhadores civis desta instituição. Actividade esta que é da responsabilidade da Direção de Ensino por intermédio do Centro de Investigação, Inovação e Extensão.

O que são Jornadas Científicas?

Jornadas Científicas são atividades académicas cujo pendorecai na investigação científica de temas lecionados na AMEx e não só, de maneira a se desenvolverem os mesmos, como também abrir portas para



um novo leque de conhecimentos e trazer à ribalta temas de interesse público de modo a que todos estejam no mesmo diapasão.

São realizadas anualmente e consistem em apresentações de cunho científico sob a forma de comunicações, organização de palestras, mesas redondas, painéis, exposições, posters, excursões científicas, ações de extensão, atos culturais, entre outras realizações.

É de carácter extremamente importante principalmente para os cadetes pois, nesta fase de aprendizagem, os debates à volta dos temas mais mediáticos do quotidiano traduzir-se-ão em novas experiências.

A AMEx sendo uma instituição de Ensino preocupa-se bastante na componente científi-

ca pois, é a partir desta que se busca a evolução do conhecimento para todos os sectores, segundo a pesquisa de informações e recolha de experiências adquiridas.

Como tal, as edições já realizadas na AMEX cingiu-se nos seguintes objetivos:

- Estimular o espírito de pesquisa na comunidade universitária da AMEX;
- Proporcionar momentos de apresentação, divulgação e reflexão científica;
- Desenvolver valores e qualidades académicas;
- Estimular um salutar espírito de competição académica;
- Ajudar a reflectir sobre o desempenho académico dos estudantes;
- Ligar o ensino à pesquisa e à extensão.



Participação

A participação nas Jornadas Científicas da AMEx é de carácter voluntário desde os oficiais, cadetes, sargentos, praças e trabalhadores civis. Cadetes e profissionais de outras instituições também são convidados a fazerem parte das mesmas. Pois subentende-se que o conhecimento é para ser partilhado.

As apresentações dos temas das jornadas científicas são feitas nas salas de aulas e no auditório da instituição, onde o público-alvo escolhe o tema do interesse para a auscultação. Os temas da mesma atividade variam desde os temas sociais, engenheiros e técnicos. Até à última edição realizada na AMEx podemos afirmar que estamos no bom caminho.

CONCLUSÃO

Os eventos científicos são uma fonte essencial para quem busca novos conhecimentos. Eles permitem o enriquecimento do saber académico pois reúnem

profissionais, especialistas, estudantes e vários grupos com interesse em comum. São uma forma impar de trocar informações e ampliar a cultura e formação.

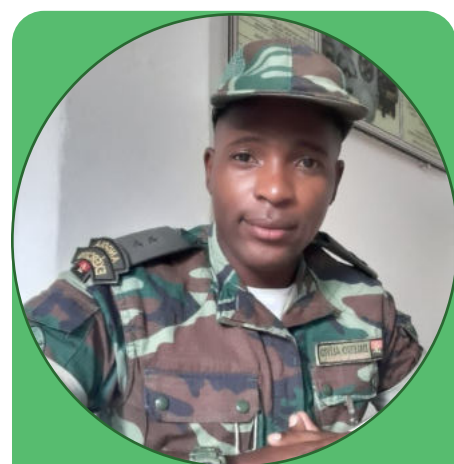
Permitem aos alunos desenvolver, na prática, o que vem sendo refletido dentro da sala de aula.

Como cadete desta instituição, a frequentar o IV ano, elogiou bastante esta actividade, espero que a mesma se continue a realizar e que as próximas edições sejam, ainda, mais abrangentes de modo a se atingirem e alargarem os objectivos estabelecidos nas Jornadas Científicas. Aproveito a ocasião para enaltecer o Comando da AMEx por esta iniciativa. Deixo como sugestão que nas próximas edições os destacados sejam premiados, pois em qualquer setor ou atividade a importância dos prémios e do reconhecimento do nosso trabalho é fundamental. Não só porque mede o sucesso do que fazemos, mas porque nos apresenta aos ou-

tros, nos define e nos posiciona no ensino universitário.

O desafio das Universidades hoje é formar indivíduos capazes de buscar conhecimentos e de saber utilizá-los. O aluno (cadete) estando diante de um problema para o qual ele não tem a resposta pronta, deve saber buscar o conhecimento pertinente e, quando não disponível, saber encontrar, ele próprio, as respostas por meio de pesquisa.

Muito se poderia dizer sobre o tema em questão, mais por ser uma vertente com um pendor prático termino por cá, convidando a todos aqueles que tiverem contacto com este arquivo a visitarem a nossa academia e saber um pouco mais sobre as nossas actividades académicas ou seja Jornadas Científicas.



Cadete – Idalesio Alívio Mesquita António
Frequência: IV ANO.
Especialidade: Telecomunicações.



CIBERSEGURANÇA E COMBATE AOS CRIMES CIBERNÉTICOS

Com o surgimento do ciberespaço, a gestão de informação, tornou-se mais simplificada e menos complexa e mais dinâmica.

Autor: Eng. Samuel Afonso Pedro

O processo de prestação e gestão dos serviços, como compras, venda, controle de trânsito, tornou-se simplificada e menos burocrática, porém, pessoas mal intencionadas utilizam conhecimentos de informática e ciência de computação, para tornar difícil essa evolução, isto é, roubando dados de utilizadores, interrompendo serviços, capturando sistemas, destruindo ficheiros importantes, destruindo sistemas informáticos e suas infraestruturas entre outros malefícios.

E é justamente para combater essas “pragas”, esses homens do mal, que foi desenvolvida a Cibersegurança.

Cibersegurança é um conjunto de procedimentos, técnicas, práticas e comportamentos que têm como visam inovar o processo de gestão e controlo de informação, bem como a prestação de serviços e proteger activos tecnológicos tais como, sistemas, computadores, servidores entre outros, contra ameaças cibernéticas.

A cibersegurança não serve apenas para prevenir ou combater ataques cibernéticos, mas sim desenvolver um espaço de melhor gestão dos serviços prestados, meios tecnológicos e permitir melhor visibilidade e credibilidade de qualquer organização ou pessoa.



A Cibersegurança tem como objetivo implementar um conjunto de medidas que permitem prevenir, identificar precocemente e eliminar vulnerabilidades que possam prejudicar a infraestrutura tecnológica e sistemas informáticos.

PORQUÊ A NECESSIDADE DE CIBERSEGURANÇA

Nos dias de hoje a Cibersegurança é indispensável, tendo em conta a utilização do ciberespaço como ferramenta de trabalho e lazer, com a exposição nesse espaço, cresce a exploração de vulnerabilidades para inviabilizar a realização e prestação de serviços por parte dos cibercriminosos.

Os ataques cibernéticos são realizados por diferentes motivos e mostram que qualquer um está susceptível a eles. Um cibercriminoso pode inviabilizar uma rede com intenções que vão desde a financeira, prazer,

manchar a reputação, roubo de informações, até o terrorismo de Estado.

Algumas formas de ataques cibernéticos muito comum, que podem ser evitadas com aplicação de medidas de cibersegurança:

- Sequestro de dados de Sistema;
- Interrupção de serviços e processos;
- Alteração ou destruição de informação, arquivos e bases de dados confidenciais;
- Roubo de dados do perfil e identidade;
- Negação de acesso.

A falta de conhecimento de medidas de Cibersegurança permite que muitas empresas e pessoas percam dados importantes, acesso aos serviços, ou mesmo controlo de infraestrutura cibernética por parte de pessoas maliciosas. Logo, a necessidade de prevenir ser indispensável.



CONCEITO DE CIBERCRIME

Cibercrime são actos realizados por pessoas maliciosas, com conhecimento avançado em informática, que visam interromper serviços através de desestabilizar sistemas informáticos, roubos de identidade digital, interceptação de dados de dados confidenciais, etc.

Os cibercriminosos usam diferentes métodos para levar a cabo um ataque que incluem infecção por vírus dos sistemas, ataque de força bruta, prisão de sistemas, engenharia social, etc...

A ausência de medidas de Cibersegurança e de soluções apropriadas de Tecnologia de Informação (TI), tornam as organizações mais vulneráveis às acções de cibercriminosos. Organizações e pessoas perdem bilhões em dinheiro no seguimento desses ataques.

Consequências de ataques cibernéticos

Antes de falarmos das consequências dos ciberataques, vamos entender o que é o ciberespaço.

Vamos definir o ciberespaço como o ambiente de interação e trabalho criado de forma virtual através do uso dos meios de comunicação modernos destacando-se, a internet. Este ambiente tornou-se possível graças a uma grande infraestrutura técnica na área de telecomunicações e informática, composta por cabos, fios, redes, computadores, softwares, etc...

Devemos perceber que a maioria dos ataques cibernéticos,

bem-sucedidos, resulta da desatenção ou conivência do utilizador dos sistemas, nesse caso o homem.

Quando um ataque cibernético é bem-sucedido existem várias consequências, como a paralização total dos serviços, a captura total do sistema, o que pode levar a pedido de resgate financeiro à exclusão de arquivos e demais dados importantes. Além disso, outra potencial consequência negativa é a divulgação ou alteração de informações confidenciais e casos mais graves crise diplomática ou guerra entre países.

Quantas vezes ao utilizarmos o nosso computador, telemóvel, tablet, sentimos ele vagaroso, ou a travar mesmo não tendo uma grande quantidade de dados, programas e arquivos configurados? Quantas vezes sentimos que a memória do nosso computador ou telemóvel abarrotado, mesmo não tendo arquivos tamanho grande que poderiam ocupar muito espaço? Quantas vezes os nossos dispositivos electrónicos tiveram apagão ou desligou-se por si sem a nossa intervenção? Será que sabes que podes estar na presença de um ataque cibernético. Pois é, esses são alguns exemplos que podemos aqui apresentar de ataques cibernético.

TIPOS DE ATAQUES CIBERNÉTICOS

Os ataques cibernéticos são responsáveis por falhas e quedas nos serviços ou meios electrónicos que utilizam o ci-

berespaço como ferramenta de serviço. Assim elas são classificadas em:

- Interceptação
- Interrupção
- Falsificação
- Modificação
- Duplicação

Estratégias de prevenção e combate contra o cibercrime Existem diversas práticas e estratégias que podem ser utilizadas na prevenção e combate de ataques cibernéticos. Para isso, investir em Cibersegurança é fundamental não apenas para prevenção e combate, mas sim para gestão de todo processo que envolve a prestação de qualquer serviço.

Aqui vamos enumerar algumas estratégias que devem ser aplicada para prevenir e combater os cibercrime.



- Firewall (Barreira de acesso)

A Firewall tem a função de bloquear todas as portas e janelas da rede ou do dispositivo electrónico (telemovel e computador) para que só os autorizados possam entrar e sair e fornecer serviços através da internet.

- Antivírus

Geralmente Antivírus são aplicativos que detectam programas infectados com instruções maliciosas, capazes de perturbar o normal funcionamento das redes e dos dispositivos



electrónicos (computador, telemóvel). Normalmente eles agem de forma preventiva, detectando ameaças antes mesmo que estes sejam instaladas e criem problemas no normal funcionamento do sistema, mas também são capazes de remediar os problemas após a infecção.

- Formação e treinamento do homem

O treinamento do pessoal é muito importante sendo que a maioria dos ataques acontecem através da distração, falta de conhecimento das formas de infecção, comportamento malicioso e criminoso destes.

Um dos motivos que indicam o quanto esse quadro dos ciberataques é preocupante é o próprio comportamento dos utilizadores que acedem e manipulam os sistemas. Para que se diminua os riscos de ataques cibernéticos, uma das medidas a serem tomadas é a educação e formação do pessoal, pois, são a grande porta de entrada dos cibercriminosos.

É necessário estabelecer regras claras de segurança e proteção, de partilha de informações confidenciais por e-mail ou para ambientes externos.

Treinar e capacitar os funcionários para que saibam lidar com as ameaças mais simples.

- Palavras-Passe

As palavras passes são portas de entrada de qualquer sistema, dispositivo ou sistema informático. É imprescindível a

utilização de palavras-passe fortes, que combinem letras, números e símbolos e que não façam referência a dados pessoais. Caso os sistemas permitirem apenas a utilização de números para palavra passe, então devemos utilizar números primos.

Utilize palavra-passe diferentes, geralmente as palavras-passe devem ser alteradas periodicamente, isto é, por predefinição trimestralmente, mas quando for necessário o período pode ser ainda mais curto. Reduzindo para quinzenalmente.

- Backups

Cópia de segurança são importantes para manter seguras as informações em caso de um ataque cibernético que pode provocar apagão ou mesmo sequestro do sistema.

HACKERS E CRAKERS

Nos dias actuais confunde-se os dois conceitos, vamos entender que são elementos com mesma valência, mais com objectivos e comportamentos diferentes.

Hackers são pessoas que se dedicam intensamente a solucionar problemas e criar soluções que envolvem tecnologia, computação e informática.

A origem do termo “hacker” surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos. Começou com o uso da expressão “hack” para designar uma solução inova-

dora para qualquer problema. Com o passar dos anos, o termo foi associado a programadores de computador, que na época estavam destacando-se no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e em outras partes do mundo. Eles aliavam conhecimento específico de computação ao instinto criativo.

Como actua um craker

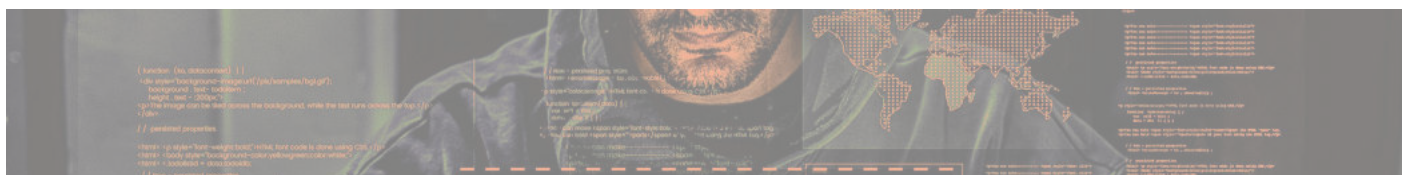
Podemos definir Crackers como pessoas que utilizam o conhecimento em informática, computação e demais tecnologias para acederem ilegalmente sistemas, sites, servidores, bases de dados etc., com o objectivo de obter algum ganho financeiro, ou destruição de reputação de uma empresa.

Logo, cracker trata-se daquele que consegue manipular sistemas de segurança operacional com o objectivo de ter proveito pessoal, modificação de programas, infecção de redes com vírus, duplicação de dados, roubo de palavras-passes, etc.

CONCLUSÃO

Conhecer as técnicas de cibersegurança, garante não apenas protecção ou prevenção de ataques cibernéticos, mas também a eficiência no tratamento, armazenamento, transmissão da informação.

Boas práticas de governança de TI levam ao sucesso de qualquer organização ou pessoa.



OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA. INTERAÇÃO ENTRE AS PARTES E AS SUAS RELAÇÕES EXTERNAS

No presente artigo apontam-se as causas das revoltas nacionalistas e o surgimento dos grupos organizados para a libertação. Nesta mesma abordagem, observam-se as relações que os movimentos de libertação mantinham e os respectivos apoios recebidos durante o processo de libertação.

Autor: CAP - Feliciano Paulo Agostinho

A base da origem do nacionalismo angolano encontra-se assente num conjunto de factores, dos quais torna-se importante referir:

A desigualdade dos povos, ou seja, entre os nativos e os colonizadores, entre os exploradores e os explorados.

Outra causa da origem do nacionalismo surgiu fruto das insatisfações por parte dos indivíduos de origens mista nascidos no território, frente ao crescimento da imigração promovida pelo governo de Portugal “«Estes crioulos», pertencentes a uma burguesia decadente, somaram-se aos movimentos nacionalistas que surgiram na década de 1950, melhorando a difusão desta ideia pelo território angolano”.

No interior do território angolano, as igrejas também ascendiam o nacionalismo. Tendo em vista a independência de Angola, incentivavam a resistência contra à ocupação colonial, e contestavam as tropas portuguesas. As afinidades dessas igrejas com países estrangeiros, devido à sua existência a nível mundial, mostrou-se muito eficaz nos apoios prestado pelos seus irmãos na América,

Canadá, Inglaterra e Holanda. Esses apoios, seriam principalmente materiais, sobretudo na área de educação e saúde. (Nogueira e Carvalho; 2004: 45).

OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA.

O racismo, trabalho forçado, ditadura e a desigualdade, colaboraram para a criação de condições históricas que moldaram o clima social e político em Angola em 1961 (Silva; 2018). A pressão internacional e o estado de guerra fria que se vivia, impulsionaram o surgimento dos primeiros grupos nacionalistas e a independência dos países africanos colonizados.

Um dos factores de muita importância para o processo de descolonização do continente africano foi o V Congresso Pan-Africano, que aconteceu em Manchester (1946), quando foi escrita a “Declaração aos Povos Colonizados”, pelo Dr. Kwame Nkrumah. Nessa ocasião, foi criado um Comitê Regional de Delegados, que foi a primeira formação política organizada. Outro factor marcante foi a criação da Organização

das Nações Unidas (ONU) e da Organização da Unidade Africana (OUA), que se transformaram em “tribuna do anti-colonialismo militante” (Silva; 2018).

MPLA



O movimento Popular de Libertação (MPLA), “é um movimento político organizado em 10 de Dezembro de 1956, fruto da união do Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUAA), do Movimento para a Independência de Angola (MIA), Movimento pela Independência Nacional de Angola (MINA) e Partido Comunista de Angola (PCA)”.

Segundo Bittencourt (2008) o MPLA mantinha relações com Argélia, Gana, Mali, Guiné-Conacri, Egito e Marrocos. O



MPLA recebia destes países formação técnica, armamento, apoios logísticos e financeiros. O mesmo autor faz menção que o MPLA recebeu apoio da China, da Tanzânia e da Zâmbia a partir de 1967. Posteriormente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, também se viria a juntar. A ajuda de ambos os países constitui-se como um impulso fundamental no reconhecimento do MPLA pela Organização da União Africana (Silva; 2018).

FNLA

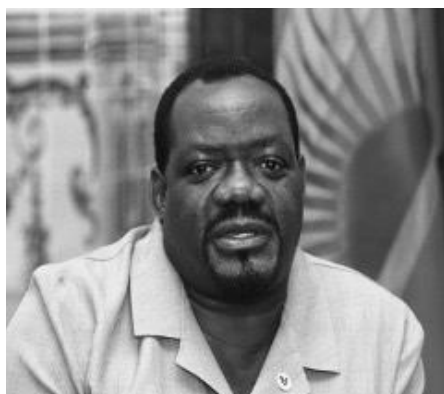
A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) foi um movimento político criado em 1962, nasceu com o nome de União das Populações do Norte de Angola (UPNA), assumindo em 1958 o nome de União das Populações de Angola (UPA). Em 1961, a UPA e um outro grupo anti-colonial, o Partido Democrático de Angola (PDA), constituíram conjuntamente a FNLA.



As relações externas da FNLA iniciaram ainda sob a sigla da

UPNA, que acabou por surgir dentro da etnia bacongo e influências da ceita religiosa protestante. Para o seu reconhecimento União Africana e na Organizações das Nações Unidas e para a luta anti colonial viriam a receber apoios do Gana, Congo Belga e Tunísia (Jaime et Barber:1998). A ligação privilegiada foi sempre com os Estados Unidos da América (EUA), que fornecia apoio financeiro anual e conselho técnico, inclusive com a presença de agentes nas suas bases (Felgas, Hélio; 1968).

UNITA



A União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) foi fundada em 1964, mas só deu início à luta armada em 1966, liderada por Jonas Savimbi, que tinha deixado a FNLA e o GRAE.

Segundo Rosa (1980) afirma, que as relações externas da UNITA tiveram início muito antes do movimento ter sido constituído. No início da sua consti-

tuição tiveram poucos apoios. Contudo, teve apoio da China, Zâmbia, Africa do Sul e dos EUA (Pezarat Correia; 1991, p. 157). A África do Sul seria assim convidada, por parte dos EUA, a intervir nos confrontos em Angola e, como tal, apoiava a UNITA, tanto em meios como em forças ou recursos financeiros. Por isso mesmo é que a UNITA tinha meios para enfrentar o MPLA, nos primeiros períodos da independência (Stockwell; 1979: 196).

A LUTA ARMADA E A INTE- RAÇÃO ENTRE AS PARTES

As revoltas alicerçaram-se em vultos da história de Angola, como as empreitadas da resistência de Ngola Kiluanje, da rainha N'ginga, dos povos da Kissama, do Cordeiro da Matta, de Mutu ia Kevela e de outros. Todos eles deram contornos ao incipiente nacionalismo angolano, demonstrando as suas insatisfações com a política da Metrópole para com os habitantes da colónia. Contudo, as novas formas de reivindicações viriam a ser conhecidas posteriormente.

O grande impacto internacinal efectivou-se em 15 de Março de 1961, quando um grupo armado da UPA atacou a população branca no Norte de Angola. Facto que posteriormente seriam debatidos na conferencia da ONU do mesmo ano (Peza-

rat; 1991). Porém, esses acontecimentos foram precedidos por duas revoltas, a Baixa de Cassange e o assalto às cadeias de Luanda.



A revolta laboral na Baixa de Cassange, a Leste de Malange, iniciada em 11 de Janeiro de 1961, mostrava o descontentamento da população nativa sobre os maus tratos do regime que lhes haviam sido impostos. O assalto a cadeia de S. Paulo, em Luanda, ocorreu em 4 de Fevereiro. Esses acontecimentos marcavam o início de um período turbulento em Angola, onde a UPA e o MPLA reivindicariam a colonização portuguesa por meio da luta armada.

O processo de independência dos países fronteiriços, envolvendo o antigo império britânico na região, teria importância decisiva para a luta anticolonial que se desenvolvia em Angola, pelo que os movimentos independentistas, para além de buscarem motivação nesses países independentes, também procuravam estabelecer bases como sustentação das suas lutas no interior de Angola.

Outra verdade importante, du-

rante este processo histórico, são as lutas entre os mesmos movimentos, como os episódios narrados por Davezies (1965) no norte de Angola entre a FNLA e o MPLA:

“um grupo de 21 homens foi interceptado pelas forças da FNLA e de seguida dizimado. O MPLA denunciou tais perseguições. Alguns dissidentes da UPA, como seria o caso de Marcos Kassanga e André Martins Kassinda, reforçariam essas acusações em declarações públicas, e o próprio Holden Roberto admitiria que o seu movimento assassinara homens do MPLA, entre eles o comandante Ferraz Bomboco, que tentava atravessar a fronteira do Congo”

A razão destes confrontos era a projecção internacional, liderança na luta e os apoios. Estes factos e questões ideológicas acabariam por não permitir a união dos mesmos, apesar de algumas iniciativas para que isto acontecesse (Agostinho Silva; TIA 2010).

Fruto destas incompreensões, em 1971, na operação madeira, as forças portuguesas viriam a conseguir um acordo com a UNITA, o acordo consistia em que os portugueses permitissem à UNITA permanecer numa zona estabelecida, enquanto fornecia informações aos portugueses sobre as movimentações dos outros grupos de libertação, bem como combatê-los. Foi através desse acordo, que as bases do MPLA e da FNLA foram eliminadas da zona militar leste. (Visentini; 2012, p.53)

CONCLUSÃO

A ascensão do nacionalismo angolano, resultante de um conjunto de factores, internos e externos, que se antecedem às lutas de libertação. Dos factores internos destaca-se o descontentamento dos povos nativos, influenciados por grupos de assimilados e pela religião protestante. Nos factores externos sublinham-se as interferências das organizações internacionais, com maior enfoque nas União Africana e na ONU, estas viriam a pressionar os colonizadores a ceder.

A obstinação de Portugal face aos ventos de mudanças em África era evidente na repressão exercida nas colónias. E como era verídico, dificilmente os nacionalistas poderiam prejudicar o Estado colonial, que era capaz de montar rapidamente recursos repressivos maciços. Qualquer manifestação de protesto era sujeita a uma violenta repressão. Face a essas dificuldades, os nacionalistas procuraram constituir-se a partir do exterior, por países que lhes eram simpáticos. Após tentativas de negociações propostas pelos movimentos de libertação e pela OUA ao governo português, a luta armada constituía-se como único meio de acabar com a colonização. Impreterivelmente, as superpotências seriam convidadas a intervir. Sendo, os EUA do lado da FNLA e a URSS do lado do MPLA, dividiriam os movimentos segundo um padrão de ideologia, facto que contribuiu enormemente para a desunião dos mesmos.



A REVOLUÇÃO URBANA - ORIGEM DAS PRIMEIRAS CIDADES

O estudo das origens e desenvolvimento das cidades tem sido objecto de grande interesse analítico nas ciências sociais.

Capitão - Vagne M. Ferreira da Costa

A transformação das aldeias neolíticas em cidades populosas com divisão do trabalho, comércio e artesanato, desenvolvidas e organizadas politicamente como Estados, só foi possível devido ao desenvolvimento das forças produtivas observadas entre 6000 e 3000 a.C., quando os homens acumularam enorme soma de conhecimentos técnicos tais como: a utilização da força de tracção animal (o boi) e dos ventos, o uso do arado, do carro de rodas e do barco à vela, a fundição do cobre e mais tarde a produção do bronze que culminou com o desenvolvimento de um calendário aperfeiçoado.

Conceito

Revolução urbana é um termo usado pela arqueologia, história e antropologia do mundo antigo para designar o surgimento das primeiras cidades em especial na região do Crescente Fértil, também chamada de Berço da Civilização, no Oriente Médio a partir do V milénio a.C.

O termo foi cunhado pelo antropólogo Vere Gordon Childe, na década de 1930 e, se popularizou como o pré-requisito necessário para o surgimento da civilização humana.

Embora a arqueologia tenha

confirmado o surgimento das primeiras cidades na região do Crescente Fértil, como Ur, Uruk e o recentemente escavado local de Tell El Hamoukar, a revolução urbana também se deu em outras regiões e períodos não necessariamente da mesma forma, como é o caso do vale do rio Indo, com cidades antigas como Mohenjo-daro e na Mesoamérica.

Pré-requisitos da revolução urbana.

Segundo Gordon Childe, seriam necessárias dez características de uma concentração populacional para que se configurasse a revolução urbana:

1. Grande população e grande ocupação de um determinado território (cidades);
2. Especialização integral e divisão avançada do trabalho;
3. Produção de um excedente agrícola que sustente o governo e uma sociedade dividida em funções;
4. Edifícios públicos monumentais;
5. Uma elite governante, em especial os sacerdotes;
6. 6º - Escrita;
7. Ciências exactas (aritmética, geometria, astronomia) e um calendário;
8. Estilos artísticos sofisticados;
9. Comércio regular de longa

distância;
10. O Estado.

Origem das Primeiras Cidades.



Por volta de 6.000 a.C., alguns grupos humanos descobriram a técnica de produção de cerâmica pelo aquecimento da argila. Na mesma época aprenderam a converter fibras naturais em fios e estes em tecidos. Aos poucos começaram a trabalhar com metais para produzir instrumentos. Os indivíduos que trabalhavam com cerâmica, metais e tecelagem tornaram-se artesãos. Eram os primeiros sinais de mais uma divisão social do trabalho (antes apenas entre homens e mulheres). A diversidade na produção, a especialização do trabalho e as novas funções na sociedade contribuíram para que algumas comunidades de agricultores se transformassem em vilas e cidades, constituindo o que alguns historiadores chamaram de Revolução Urbana.

A sedentarização, causada pela agricultura, provocou verdadeira revolução no modo de



vida da humanidade. Um dos acontecimentos mais importantes relacionados com isso foi o desenvolvimento das vilas e cidades.

Em geral, as vilas desenvolveram-se em regiões onde os solos eram férteis e propícios à agricultura. Elas tinham inúmeras funções.

No continente Americano, por exemplo, as cidades estavam associadas a cultos religiosos, mas podiam também servir de abrigo para artesãos e de espaço de troca de produtos.

Assim, percebe-se que o processo de consolidação das vilas está associado ao aumento da organização social. Em outras palavras, está relacionado com a prática da religião e do comércio, com o aumento da população e com a diversificação das actividades produtivas.



Escavações na área sul de Çatal Hüyük, uma das primeiras cidades do mundo.

Uma das mais antigas cidades do mundo é Çatal Huyuk, foi descoberta em escavações no centro sul da Turquia, no Oriente Médio. As casas dessa cidade eram feitas de tijolos e construída uma ao lado da outra, sem espaço de circulação entre elas. O acesso às casas era feito por aberturas nos te-

lhados, e os habitantes circulavam de um lugar a outro caminhando sobre as casas.

As escavações realizadas em Çatal Huyuk podem mostrar muito da vida dos grupos humanos que habitaram essa região entre 12 mil e 7 mil anos atrás. A economia da cidade cuja população era cerca de 5 mil habitantes baseava-se na agricultura além de ter importante comércio de pedra vítrea de vulcão (obsidiana).

Comércio: O aumento da produção criou excedentes e permitiu as trocas de produtos que dão origem ao comércio. Privativamente a actividade do comércio se faz de comunidade para comunidade em meio de seus chefes. Pouco a pouco, porém, forma-se um grupo de indivíduos especializados em vender e comprar mercadorias. O comércio por sua vez aproxima vendedores e compradores favorecendo o desenvolvimento das cidades.

Rios e Vales: Desde o início da Pré-história, o homem tem procurado os rios para se orientar no espaço e obter água. Foi ao longo dos rios que floresceram no começo da História as civilizações agrícolas, as primeiras a submeterem o espaço terrestre e a natureza a seus desígnios. E foi junto aos grandes rios da Antiguidade que se desenvolveram as civilizações que deram um novo rumo à História da humanidade, por vezes chamadas de Civilizações Fluviais porque foram os rios o factor decisivo para o desenvolvimento agrícola.



Rio Eufrates, berço de uma das maiores civilizações da Antiguidade: a Mesopotâmia.

Conclusão

O estudo das origens e desenvolvimento das cidades tem sido objecto de grande interesse analítico nas ciências sociais. A sua importância deriva dos contributos desta análise para o estudo das relações sociais e do crescimento urbano ao longo dos tempos, portanto antes de procedermos à abordagem do aparecimento das primeiras cidades do mundo antigo, torna-se importante distinguir, ainda que de forma muito esquemática, dois eixos temáticos fundamentais que têm estruturado os estudos sobre o fenómeno urbano ao longo dos tempos. Estamos a referir-nos aos conceitos de urbanização e de urbanismo.



Capitão - Vagne M. Ferreira da Costa
Arquitecto e Técnico de construção

COMBATENTES DE CANETA NA MÃO E POESIA NO CORAÇÃO

Por: Sílvio Lino Mateus, Artilharia Terrestre 3º ano VII curso



Uma palavra pode ter o impacto de um projectil, a dispersão de uma granada ou até mesmo a profundidade de um oceano fazendo com que sejamos mais humanos com o seu toque em nossas almas. É essa palavra que se unindo a outras, de forma invulgar, cada uma em seu lugar, se privilegiando rimar e quem as lê encantar constituem um poema.

A poesia dos combatentes angolanos remonta desde a época colonial onde os homens, a distintos níveis, viam as manifestações culturais como uma janela onde poderiam gritar e

falar tudo o que lhes vinha da alma em busca da calma que os seus espíritos, aos gritos, clamavam enquanto choravam. No dia 10 de Novembro de 1951 foi lançada a primeira edição da revista “Mensagem”, que marcou o início da poesia moderna em Angola. Nesta edição colaboraram Agostinho Neto, Mário António, Viriato da Cruz, Alda Lara, António Jacinto e Mário Pinto de Andrade. A temática era a valorização do Homem negro africano e da sua cultura, a nação africana que se via como estado com autoridade e existência própria. As poesias tinham um contexto anticolonial

sem deixar de ser humanista e social. E no ano de 1953, Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro compilaram a primeira antologia da poesia negra de expressão portuguesa o que desencadeou a revelação de muitos artistas que se encontravam encobertos, alguns pela falta de coragem de falar livremente e outros pela falta de oportunidade de se apresentar ao público.

Muito tempo passou desde aquele período onde praticamente tudo o que se escrevia, pelos poetas angolanos, estava voltado para o anticolonialismo, porém ainda hoje os ecos

daquela geração servem como elo e permitem aos jovens de hoje viajar e poder sentir-se naquele período ao ponto de escrever como se lá estivessem. A prova disso encontra-se na poesia escrita por mim que na véspera do 46º aniversário da independência angolana onde fui convidado a compor e recitar uma poesia em homenagem à data, inspirado pelos poetas que revolucionaram a poesia angolana fazendo revolução, compus angola (...)

Na Academia Militar do Exército muitos são os jovens que se apresentam em actividades culturais demonstrando os seus talentos em diversos momentos, sem deixar de lado seus sentimentos, pois deles não estão isentos. Alguns deles ainda se deixam influenciar por essa vertente que, como água vertente em seus corações, os permitem libertar emoções em canções sem melodia que parecem dar mel ao dia de quem se encontra na melancolia, pondo-os em sintonia e sem deixar de ser modernos parecem ser eternos.

Hoje percebe-se, claramente, que a poesia angolana evoluiu e conseqüentemente a que os militares fazem também, deu um passo em frente, com a perspectiva que em tempo de paz ou de guerra o militar deve estar sempre em plena condi-

ção física e psicológica para cumprir qualquer missão que lhe seja atribuída. Alguns dos poetas que também são militares, em especial os Cadetes, moldam as suas poesias de modo a que elas levantem o moral, sirvam de incentivo, aumentem o amor à pátria amada e, de forma muito especial, procuram mostrar sempre o melhor caminho a seguir.

Ainda há, na nossa sociedade, o pensamento de que o militar não tem aspirações artísticas, enquanto que na verdade os seus pensamentos inspiram acções e as suas inspirações expiram sons que têm efeitos que mais ninguém tem feito. Que o mesmo se dedica, simplesmente, a trabalhos mecanizados e que está desprovido de intelectualidade, tudo pela pouca interacção que há entre a sociedade civil e a castrense, em actividades do âmbito cultural. O talento dos militares encontra-se exilado nas unidades com a tendência a adormecer, é necessário que se promova, pois, os militares têm uma vasta gama de conhecimentos em que esses talentos podem ser empregues, desde actividades com finalidade solidárias até às de exaltação da pátria e elevação do patriotismo, na senda da criação de uma nação mais unida e com um ideais que a salvaguardem.

ANGOLA

Homens lutam crianças choram
 O tempo não passa as horas demoram
 É essa coragem de meus heróis
 Que o meu espirito corrói
 Quando a minha alma lamenta por não
 ser livre
 Que de mim arranca
 Da lagrima ao sangue
 Do suor ao rancor
 Com força arranco a dor
 Da escravidão de meu lesado coração
 Ho
 Que alivante sensação
 De meu povo multidão
 Que me ama
 E meu nome chama
 Angola Angola Angola.



ALUPOLO – EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE RURAL

“Alupolo em Língua nacional Umbundu, em que traduzido em português significa contos ou fábulas contadas no nosso contexto em áreas rurais, que de certa maneira ajudam directa ou indirectamente na educação da sociedade que tende pelos caminhos incorrectos”

Capitão - Domingos Catumbela



As questões que se impoem quando queremos falar de temas como este são:

- Como são feitos os “alupolo” nas comunidades, principalmente nas rurais?
- Em que período são contados?
- Quem deve contar tais “alupolo”?
- Quem deve participar?

CULTURA, PRÁTICA REITERADA NA COMUNIDADE RURAL

ANTROPOLOGIA

Os antropólogos narram factos culturais de cada povo contextualizando a realidade da sociedade. Na sociedade Bantu, os “alupolo” na língua Nacional Umbundu, não diferem do “alu-

polo”, narrados por exemplo: em Nhaneka Umbi, kwanhama, erero, cokwe, kinkongo, Ngoia assim como em outras línguas nacionais ou dilecto. Variando apenas a origem linguística e não da narração em si.

Na cultura Umbundu em particular, os “alupolo” contados no Reino do Bailundo, Tchiaka, Mbaka, Kakonda, são unânimes no pensamento e na ideia original do que se pretende passar ou ensinar. E neste grupo, a mensagem não difere nem na origem, nem na narração dos factos, pois apesar das discrepâncias territoriais e divisões administrativas culturais a língua Umbundu serve de referência comunicativa originária dos povos. Como são feitos os “alupolo” nas comunidades, principalmente nas rurais?

Indo nas questões levantadas anteriormente, os “alupolo” por exemplo nas localidades do município do Ukuma que dista a 88 km da cidade do Huambo, são feitos em tempo do cacimbo nos meses de Maio, Junho, Julho e Agosto nos períodos noturno, de preferência nas noites de lua cheia.

Essa actividade é feita varias vezes depois do jantar em lugares a indicar como: pátio de recreio, no okatchipundo (casa de capim espécie de jango), de um ancião (deão) ou de um líder de opinião daquela aldeia, num jango etc. Tudo isto, ocorre a volta de uma fogueira feita com palhas de milho, feijoeiros e outros resíduos resultantes da colheita da época. Todos os participantes do serão noturno tinham a obrigação de seguir algumas regras: tra-



zer um molho de palha seca da colheita da época para aquecer a noite fria; quem não o faz é excluído do banquete noturno e muitas das vezes chega a ser discriminado no seio do grupo sem o direito de opinar durante a intervenção do Deão. Uma outra regra e não menos importante é que não se pode realizar “alupolo” durante o dia. Conta a lenda que quem assim proceder, os seus ancestrais já falecidos, mesmo no descanso eterno crescerão chifres sobre as suas cabeças, e a maldição se estenderá de geração em geração na família do infrator. No katchipundo também havia regras, entre elas por exemplo, quem sonegar (cabecear) ao longo da noite, no final do “alupolo” terá um castigo, e no próximo encontro trará consigo o dobro da contribuição dos resíduos da colheita da época, tal punição é extensiva a todos os integrantes da aldeia desde que façam parte do grupo. Outra regra era por exemplo trazer algumas espigas de milho (maçarocas), batatas-doce acompanhado com a bebida típica a chamada “otchisangua tchombundi vokambedje” (kissangua feita de raízes na cabaça). O chapéu e osembele (gabardine) do mais velho do grupo encarregado de contar o “alupolo” ficam sobre custódia do mais novo do grupo bem ao lado dele (do mais velho). No final de tudo, na calada da noite este recebe os seus meios. O espírito de camaradagem não faltava. Assim o a deão tinha a obrigação de

acompanhar os integrantes do grupo em suas casas, tudo isso por causa do medo que a escuridão da noite ou do pavor que as histórias ouvidas procavam aos ouvites.

Quando se notasse a ausência de um dos integrantes do grupo, havia uma regra típica para localiza-lo. Um grito sonante “akotekeeeee” seguido do nome do perdido. Ao que ele responde: amilõ palo (es-me aqui). Assim que integra o grupo, a caravana segue o seu percurso.

Tal como dissemos, os “alupolo” têm no seu epicentro contos ou fábulas que ajudam a educar a sociedade, principalmente a juvenil que é o garante do amanhã. Abaixo seguem alguns exemplos de “alupopo”, contos ou fábulas.

O contador da estória/fábula diz: “Alupolo”

E os demais respondem: “luiye”

A tartaruga e o coelho

Era uma vez uma tartaruga e um coelho que viviam na floresta. O coelho era muito rápido e sempre que podia, zombava da Tartaruga, dizendo que era lenta demais.

A tartaruga um belo dia se cansou das “brincadeiras” e desafiou o Coelho para uma corrida. O Coelho achou graça e aceitou o desafio.

Assim, os dois partiram para a disputa. A tartaruga andava determinada com passos lentos, enquanto o Coelho corria veloz. Percebendo estar bem a frente da tartaruga, o coelho resolveu parar para dar um cochilo. Quando acordou viu a tartaruga quase na linha de chegada

e tentou alcança-la, mas não conseguiu.

Assim a lenta tartaruga venceu a corrida com o rápido coelho. Moral da história

Não subestimes a capacidade dos outros. Devagar se vai longe.

“Alupolo”

“Luiye”

A galinha e os ovos de ouro
Era uma vez uma galinha que possuía um dom: ela botava ovos de ouros! O dono da fazenda onde a galinha morava era um rapaz muito ganancioso. Um dia ele teve uma ideia que pensou ser a melhor de todas.

Ele resolveu matar a galinha para ver se sua barriga era de ouro e se lá havia um tesouro ainda mais valioso do que os ovos.

Mas por dentro o animal era como qualquer outro e o homem então perdeu o seu bem mais precioso.

Moral da História

Tome cuidado para que a ambição não te leve a perder o que já possuis.



Capitão - Domingos Catumbela



ORGANIZAÇÃO DO ABASTECIMENTO NAS FAA

O abastecimento é uma função logística, que tem como essência a entrega dos meios materiais, responsável pela obtenção, formulação dos documentos, recepção, armazenamento, conservação, rotação e realização da entrega dos mesmos. É uma categoria económica, aplicada tendo em conta as características específicas das Forças Armadas Angolanas (FAA). O trabalho visa partilhar as experiências do abastecimento nas FAA; expor as medidas do abastecimento; demonstrar a execução das fases do abastecimento nas FAA.

Dr. Ismael Murillo | Msc. Isaías José | Lic. Mateus Sapalo



O abastecimento realiza-se em qualquer condição da situação, que pode interferir no bom desenvolvimento do mesmo. Este trabalho apresenta algumas ideias relacionadas com as experiências do abastecimento, oportuno, ininterrupto, seguro e completo, assim como técnicas e métodos para a sua operacionalização.

Nas guerras da antiguidade o aprovisionamento das tropas durante as operações militares, geralmente era realizada mediante os saques, mas à medida que os exércitos aumentavam, em efectivos, assim como na organização e planificação das suas acções, tornou-se

necessário buscar algum modelo que pudesse garantir a sustentação das tropas. Este modelo foi-se aperfeiçoando ao longo do tempo e hoje conhecemos como logística, que nos primeiros momentos tinha como função principal abastecer com todos os meios materiais necessários as tropas durante as acções combativas. Desde este momento, o abastecimento com meios comuns e material de guerra, constituiu um elemento fundamental para a realização de qualquer operação militar, a tal ponto que o êxito ou não de diversas operações, dependia da organização do abastecimento, tal facto ficou evidenciado nas operações realizadas por Napoleão

Bonaparte durante sua campanha contra Rússia, onde foi derrotado pela falta de abastecimento das tropas “[...] mas na realidade a retirada Russa não era em nenhum momento parte de algum plano maestro para conduzir os franceses à profundidade do território russo, onde o inverno e falta de equipamento adequado se combinariam para destruí-los [...]” Por isso, que os chefes militares prestam bastante atenção ao abastecimento para o alcance da vitória diante de uma força inimiga.

O abastecimento nas FAA é resultado das necessidades de consumo de diferentes tipos de meios materiais, que visam garantir a vida das tropas, da técnica e do armamento tanto em tempo de paz como tempo de guerra. Esta é uma função logística e tem um carácter universal que transcende os marcos da especialidade, se manifesta no grande universo de aspectos que aborda e no número de especialidades que têm de desempenhar, em correspondência com as missões e tarefas que lhes são atribuídas. (Cátedra de Logística, 2005).

O órgão de logística das FAA é encarregue de garantir o as-

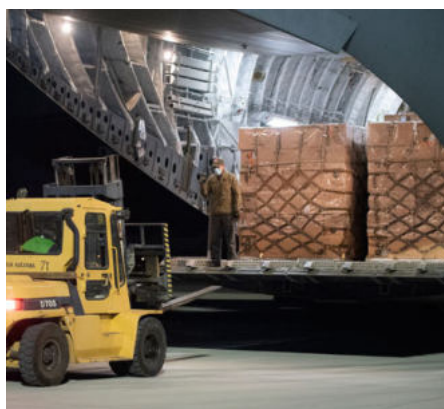
seguramento com todo tipo de meio material às tropas, além de manter a técnica e o armamento em ótimas condições. A consecução desses objetivos é alcançada através das funções logísticas de abastecimento, serviço, produção, transporte, alojamento das tropas, técnica e metrologia, normalização e controlo á qualidade.

A administração é a base para a execução do abastecimento nas FAA, onde as suas funções (planeamento, organização, coordenação, gestão e controlo), garantem a entrega segura e eficaz dos meios materiais ao seu destino final. Esta se define como um processo de tomada de decisões sobre a utilização de recursos em função de objetivos definidos e determinados (Faculdade de Tecnologia e Ciências, 2008).

Para realizar o abastecimento nas FAA, existe uma estrutura organizacional nos diferentes níveis de comando, ou seja, desde o Estado Maior General das FAA (EMG-FAA) até as Unidades, e são denominadas como órgãos abastecedores, sendo encarregadas de executar a entrega dos meios às tropas, as Unidades, Estabelecimentos e Órgãos com autonomia de abastecimento remetem junto à entidade a quem subordinam os planos de necessidades, cabendo ao EMG-FAA realizar a planificação global por especialidades das FAA a partir destas necessidades e atribuir uma dotação orçamental.

A planificação é uma das funções da administração e é de-

finida como o processo de determinação antecipada do que deve ser feito e como fazê-lo. Ou seja, conceber os recursos materiais, financeiros e humanos, bem como, quando, onde e em que momento devem ser utilizados, o que permitirá que o abastecimento seja realizado de forma eficiente durante a execução das actividades. Nas



FAA a planificação é realizada a curto, médio e longo prazo. A curto prazo é realizada com base no estado actual, considerando as experiências de planificação dos anos anteriores; a médio prazo leva-se em consideração as projecções e investimentos previstos no período de 3 a 5 anos e a longo prazo é feita de forma estratégica, prevendo o futuro, por meio de delineamento de planos gerais. Concluído o processo, os planos são submetidos aprovação às entidades competentes.

1.1. Medidas de abastecimento

Segundo (Logística, 2014), define como medidas de carácter geral de abastecimento as seguintes:

- A determinação das necessidades de meios materiais;
- A determinação ou especificação das fontes de abaste-

cimento;

- A criação de reservas de consumo corrente e intocável;
- O estabelecimento das normas e índices de consumo conforme o caso;
- A recepção, registo, conservação, rotação e controlo dos meios materiais e a preparação para a sua entrega;
- O estabelecimento da ordem e prioridade para os abastecimentos;
- A entrega oportuna dos meios materiais.

Os referidos elementos expostos anteriormente, constituem a essência da planificação do abastecimento e dentre elas destacam-se a determinação de necessidades e o estabelecimento das normas e índices de consumo, das quais faremos uma breve explicação pela sua importância.

1.1.1. A determinação das necessidades de meios materiais É realizada por especialidades e de acordo com as normas de abastecimento previamente estabelecidas considerando os elementos seguintes:

- Composição e estado de completamento da unidade;
- Missões e carácter de suas actividades em tempo de paz ou acções combativas;
- Normas de abastecimento e/ou consumo (índices) estabelecidos;
- Indicações de abastecimento do órgão superior;
- Períodos de tempo para os quais deve ser fornecido;
- Existência de meios materiais.

Para a realização dos cálcu-



los, além destes elementos, é necessário ter em conta outros factores que podem influenciar, como o nível de habilidades dos órgãos que realizam apreciação da situação específica em que esta actividade será desenvolvida. As experiências acumuladas pelas FAA, indica que, para identificar as necessidades aplica-se mais de um método, mormente, método detalhado e operativo, permitindo deste modo, tomada de decisão com tranquilidade, rapidez e com todos os argumentos necessários, quando não há tempo suficiente devido à urgência e exigência da situação. Nesta actividade, são empregados diversos meios, que são universais, como calculadoras, computadores, tabelas pré-elaboradas, compêndios, sistemas de rede, etc. que facilitam a determinação das necessidades com rapidez e alta precisão.

Independentemente de existirem unidades de medidas internacionais e serem de facto utilizadas para efectuar cálculos e determinar as necessidades de meios materiais, as FAA possuem o seu próprio sistema de unidade de medida, que permitem expressar as ideias de forma simplificada, compreensível e de maneira rápida, com elas realiza-se a determinação ágil dos cálculos necessários, que permitem ter as informações necessárias quase em tempo real se tivermos os meios mencionados, economizando um dos principais recursos, o tempo.

1.1.2. O estabelecimento das normas e índices de consumo



conforme o caso

Estes desempenham um papel importante na determinação das necessidades dos meios materiais, pelo que, são estabelecidos de forma rigorosa e mesmo alguns deles em bases científicas, como as normas de alimentos. Para elaborar as normas, um conjunto de factores é levado em consideração, tais como:

- As missões propostas às unidades tanto em tempo de paz como de combate e o alcance das actividades e acções que devem realizar em cada situação;
- As necessidades de meios materiais que são determinadas;
- Disponibilidade de recursos materiais em cada nível;
- As indicações da entidade superior.

Em geral, a norma de consumo é identificada como o volume total de meios materiais de diversos tipos que são autorizados a serem consumidos num determinado período de tempo. E os índices de consumo são estabelecidos em regra por médias diárias para um período de tempo calculado, com o fim de dar aos gestores de cada nível, maior flexibilidade para planifi-

car e atender suas necessidades com base nas condições específicas que surjam.

1.2. Métodos do abastecimento

A entrega dos meios materiais que compõem cada tipo de abastecimento é realizada por meio de métodos diferentes, que são denominados da seguinte forma:

- Centralizado;
- Descentralizado;
- Combinado.

A escolha do método a ser utilizado está em dependência das características do território onde se encontram localizada as UEO bem como a distância até as principais fontes de abastecimento. Em todos os casos, o conteúdo fundamental e objectivo do abastecimento exige que o método ou forma utilizada seja simples, flexível e ágil, o que significa, que o chefe correspondente, em organizar o abastecimento, deverá evitar procedimentos burocráticos desnecessários, adaptar-se a qualquer mudança com facilidade, ter autonomia e iniciativa para o funcionamento com eficiência do sistema de abastecimento, com entrega oportuna e com qualidade dos meios materiais até aos consumidores.



Para expor as experiências na realização dos abastecimentos tomaremos como base as fases do mesmo.

1.3. Fases do abastecimento De acordo (Machado, 2007), as fases que atravessam os meios materiais, até que cheguem ao consumidor final, são as seguintes:

- Obtenção de recursos;
- Armazenamento;
- A entrega.

a) Obtenção dos recursos, realiza-se com base nos planos elaborados, através da identificação das fontes de abastecimento, obtidos principalmente de:

- Economia Nacional;
- Directamente do exterior;
- Produzido ou reparado em empresas das FAA;
- Produzido ou recuperado pelas tropas.

Posteriormente, são feitos contactos com eventuais fornecedores e são elaborados contractos de fornecimento, estes procedimentos são realizados pelo responsável do órgão abastecedor ou pessoal designado para o efeito. Ao fazer o contracto deve-se deixar os termos de entrega bem claros para que o abastecimento seja pontual, ininterrupto e completo.

Além disso, outros factores devem ser avaliados, tendo em consideração as condições específicas existentes no momento, que podem influenciar negativamente ou positivamente na obtenção dos recursos materiais, alguns desses factores podem ser, distância da fonte, riscos durante o transporte, es-

tado de condições meteorológicas, e medidas para as minimizar, o que permitirá realizar um abastecimento completo, oportuno, ininterrupto, flexível e seguro, de forma a ter sempre os meios armazenados e disponíveis para serem entregues às nossas tropas.

b) O armazenamento de meios materiais: Nas FAA, este tipo de actividade possui características particulares, pois os meios não são armazenados apenas para o consumo imediato ou de curto prazo, também podem ser armazenados para longo prazo. Tendo em conta estas duas formas de armazenamento, estabelecem-se normas e regras de armazenamento que garantem a sua óptima qualidade.

As principais medidas adoptadas com o armazenamento dos meios em curto prazo são fundamentalmente voltadas para a manutenção de níveis estáveis de temperatura e humidade, o que favorece a qualidade do produto e evita a proliferação de roedores, pragas, insectos, fungos e bactérias.

Em relação ao armazenamento de longo prazo, além das medidas adoptadas no curto prazo, são realizadas outras como rotação dos recursos materiais, conforme os prazos de validade, conservação dos recursos materiais, utilizando outros métodos como conservação ao vácuo, uso de desumidificadores, conservação com gorduras, óleos e papel grafitado para técnica e armamento em conservação.

O emprego desses métodos

de conservação permite que os recursos materiais sejam armazenados por muito tempo, conseguindo a manutenção dos estoques e sem risco de perdas. Esta armazenagem de meios materiais é realizada nos diferentes níveis de logística: central, operacionais e das tropas.

c) A entrega de meios materiais: Esta actividade exige que seja realizada de forma atempada, segura e ininterrupta. Na entrega dos meios materiais, seu consumo é realizado até a data de vencimento. Em alguns casos é possível reparar ou recuperar o ambiente material e incluí-lo novamente no ciclo de fornecimento; ajustando seus termos de duração.

Conclusões

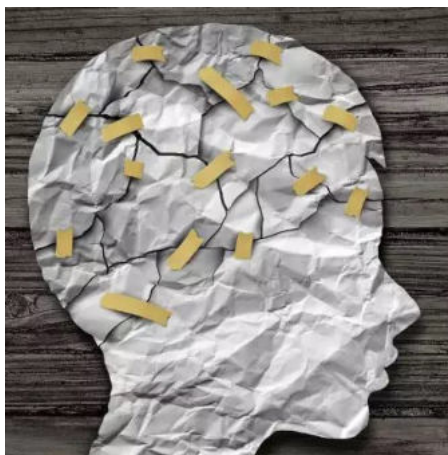
- A realização da planificação do abastecimento, é a base para que os meios materiais cheguem ao seu destino no tempo certo, nas quantidades necessárias e com rapidez;
- A elaboração de um plano de abastecimento que tenha em conta as condições da situação em que se vai realizar a entrega, permitirá que seja realizado o mais próximo possível da planificação prevista;
- As experiências acumuladas pelas FAA, no abastecimento das tropas, nas duras condições impostas pelas campanhas militares, têm permitido que esta seja realizada com elevada eficácia em tempo de paz.



PSICOPEDAGOGIA E ARTE TERAPIA ENCONTRO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Este artigo trata de uma pesquisa em Psicopedagogia, na qual estão relatadas duas experiências vividas em sala de aula e teve como pano de fundo a compreensão do processo de ensino e aprendizagem em cadetes com dificuldade para melhoraria do desempenho escolar e interação com outras cadetes.

Capitão - Joaquim César Manuel



Para esta pesquisa foi realizado o pareamento entre os conceitos da Psicopedagogia e Arte terapia. O intuito dessa pesquisa foi demonstrar que tanto a Psicopedagogia quanto a Arteterapia podem ser facilitadoras do desenvolvimento cognitivo dos(as) cadetes, considerando que o encontro de actividades recreativas age nas emoções dos(as) cadetes que têm dificuldades em verbalizar suas descobertas no que aprenderam.

A relevância deste artigo é a associação das duas áreas do conhecimento pois, o trabalho Psicopedagógico e Arte terapêutica, objetiva o crescimento cultural emocional para cadetes e professores, a partir do momento em que propiciam o bem estar do outro. Nesse sentido o objetivo geral deste estudo é: Compreender o processo

de ensino e aprendizagem em cadetes com dificuldades, no desempenho escolar e afectivo interativo.

E como objetivo específico: Identificar os (as) cadetes com mais dificuldades em verbalizar, através do seu imaginário, e comparar o desempenho entre os (as) cadetes acompanhados (as) através da Psicopedagogia.

Porém, o artigo leva-nos a compreender o processo de ensino e aprendizagem em Cadetes com dificuldades para melhorar seu desempenho escolar, interação e socialização com outras cadetes.

A psicopedagogia e a Arte terapia possuem pontos semelhantes na condução e prevenção das dificuldades no aprendizado dos (as) cadetes. Para tal, é necessário observar todo o comportamento apresentado pelos (as) cadetes como o seu caminhar, o tom de voz e seu "ritmo".

A psicopedagogia, assim como a Arte terapia, visa o bem estar o desenvolvimento e o equilíbrio na área do aprendizado e na consciência de si mesmo. E têm em comum referenciais teóricos que definem conceitos semelhantes e que diz respeito a autoexpressão.

CONCEITOS PSICOPEDAGOGIA ARTETERAPIA ALLESSANDRINI:

A Psicopedagogia trabalha a práxis com a totalidade do ser, possibilitando ao educando o seu desenvolvimento integral. Considera também que é uma forma de ele construir seu conhecimento e seu processo de aprendizagem ao longo de sua vida.

BARBOSA: O aprendiz é um ser inteiro; ao mesmo tempo em que possui aspectos comuns a todos os aprendizes, têm uma particularidade que está interligada às relações que estabelece como meio no momento da interação.

VISCA: A Psicopedagogia nasceu como ocupação empírica pela necessidade de atender os Cadetes com dificuldade na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela Medicina e Psicologia. Com o decorrer do tempo, o que inicialmente foi uma acção subsidiária destas disciplinas, passou a ser possuidor de um objecto de estudo (processo de ensino aprendizagem) e de recursos diagnósticos, correctores e preventivos próprios.

FERNANDEZ: A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal; seu desdobramento cria-

tivo põe-se em jogo através da articulação inteligente-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação.

PAIN: A Arteterapia tem um papel importante – de acompanhar o processo da aprendizagem e ser testemunha de sua aventura, ajudando a superar obstáculos encontrados, considerando um ponto de vista subjetivo. Por isso, é preciso que haja norma na observação dos sujeitos que estão realizando uma actividade criativa para decidir a oportunidade e o conteúdo de intervenção

CIORNAI: A importância da subjetividade e do inconsciente (“daquilo que influencia e pesa nas escolhas humanas não obedecem às leis cartesianas, lógica racional”) e das imagens oníricas e pictóricas como elemento diagnóstico e revelador daquilo que se passa e se faz revelador nos trabalhos de Freud, Jung.

FERGUSON: Diz respeito a estudos da subjetividade humana complexa e sua transformação, ou seja, a transformação da consciência: estar consciente da própria consciência.

VALADARES; FUSI: A Arteterapia como processo de estímulo à criatividade permite aos clientes a expressão e comunicação de ideias e emoções, possibilitando o aumento da auto – estima e expressão emocional, diminuindo sua ansiedade.

JUNG: processo de individualização é uma engenharia entre o self centro organizador de onde emana a acção reguladora que o autor chamou de “núcleo atômico” do nosso sistema da Psi-

que.

Das tendências actuais, segundo Pain (1996), o trabalho em arte terapia é o mais próximo da clínica psicoterápica, que considera a actividade plástica como meio secundário porque atribui o efeito terapêutico vindo das trocas verbais em torno do conteúdo da obra.

A Arte terapia, para a autora, tem um papel importante que é o de acompanhar o processo da aprendizagem e ser testemunha de sua aventura, ajudando a superar os obstáculos encontrados, considerando-os, ao mesmo tempo, de um ponto de vista subjetivo e objetivo. Para isso, é preciso que haja normas na observação dos sujeitos que estão realizando uma actividade criativa e, por outro lado, decidir a oportunidade e o conteúdo das intervenções.



CONCLUSÃO

O professor passa a ser um intercessor, ou seja, aquele que promove a intercessão entre o(a) cadete e o conhecimento, indicando, a cada intercessão, suas possibilidades de novas ligações com outros campos do saber, fazendo surgir à emergência da noção de construção

de conhecimento em rede.

Tendo este conhecimento, deve-se considerar que o sujeito que aprende tem que ser envolvido em constantes transformações e que o mesmo se modifica após cada nova interação. Afinal, sujeito e meio não existem enquanto instâncias isoladas, pois o que cada um é, a cada momento, define-se a partir de suas interações que provocam continuamente novas configurações.

A construção do conhecimento, nessa perspectiva, deve encontrar-se vinculada a projectos que tenham como tema gerador acontecimentos sociais que os(as) cadetes estejam vivenciando no momento ou eventos culturais que estejam previstos na programação da Academia (como a visita a exposições ou excursões) ou que sejam decididas e planificadas pelos cadetes e/ ou professores. Isto as levará à necessidade de uma divisão de tarefas e à busca de informações em diferentes fontes, o que suscitará a aprendizagem colaborativa e a produção do conhecimento tão almejado em rede.



Capitão - Joaquim César Manuel



INFEÇÃO DO TRATO URINÁRIO

“O organismo humano tem várias formas de se defender contra os patógenos como as bactérias”.

Texto: Capitão - Arminda M. Camati Pongolola

Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



No entanto devido a algumas falhas, é possível que os agentes penetrem no organismo e causem doenças.

Esse é o caso da infecção urinária que acontece quando bactérias e outros agentes realizam a via ascendente ou seja, penetram pela vagina ou pénis e sobem em direção a uretra e outros componentes do trato urinário.

A maioria das infecções do trato urinário respondem ao tratamento simples com os antibióticos, hidratação, analgésicos e anti-inflamatórios e podem

ser tratados em casa. Nalguns casos graves por exemplo, quando a Infecção já está disseminada é necessário o internamento hospitalar e eventualmente intervenção cirúrgica para tratamento e vigilância.

Algumas infecções virais podem ser semelhantes a infecções urinárias por originarem queixas parecidas, no entanto nesses casos geralmente não se encontra nenhum micro-organismo responsável.

O QUE É INFEÇÃO URINÁRIA

A (Infecção do Trato Urinário),

conhecida popularmente por infecção urinária é um quadro infeccioso que pode ocorrer em qualquer parte do sistema urinário, como rins, bexiga, uretra e ureteres.

Esse tipo de infecção é mais comum na parte inferior do tracto urinário onde fazem parte a bexiga e a uretra.

CAUSAS DAS INFEÇÕES URINÁRIAS

A Infecção urinária ocorre quando uma bactéria entra e começa a se multiplicar na bexiga. O



tracto urinário costuma expelir esses organismos estranhos do corpo, mas algumas vezes essas defesas falham e as bactérias em questão passam a crescer dentro do tracto urinário dando início à Infecção.

As causas variam de acordo com o local onde há Infecção. Os tipos mais comuns de Infecção urinária são a cistite e a uretrite que acometem a bexiga e a uretra respectivamente.

Em geral as infecções urinárias se classificam em:

- Cistite – infecção na bexiga
- Uretrite – infecção na uretra
- Ureterite – infecção nos Ureteres
- Pielonefrite – infecção nos rins.

SINAIS E SINTOMAS DA INFECÇÃO URINÁRIA

Os sinais e sintomas das infecções urinárias variam de acordo com o local onde há Infecção.

Mas nem sempre uma pessoa com infecção urinária apresenta sintomas, mas quando surgem, as mais comuns são:

Ardência forte ao urinar.

Forte necessidade de urinar, mesmo tendo acabado de urinar há pouco.

Urina acompanhada de sangue.

- Urina acompanhada de cheiro forte.
- Dor de bexiga (dor pélvico)
- Dor no recto.
- Aumento das frequências das micções.

AVALIAÇÃO DE UM DOENTE COM INFECÇÃO URINÁRIA

Dor ou sensação de queima-

ção ao urinar

Vontade frequente e repentina de urinar em poucas quantidades

Sensação de peso ou desconforto na região da bexiga

Urina turva ou com presença de sangue ou urinas muito escuras.

Febre baixa ou persistente (entre 37,5°C e 38°C)

INFECÇÃO URINÁRIA MASCULINA

Como sabemos, em geral as infecções urinárias são provocadas por bactérias, mas podem ser originadas também por fungos, geralmente em doentes diabéticos ou quando o sistema imunológico está debilitado.

Em alguns casos entre 10 a 15% dos pacientes com sintomas não é possível identificar o agente envolvido.

As causas e sintomas da infecção urinária masculina variam de acordo com os órgãos afetados. Algumas das bactérias mais comuns são o Enterococcus, o Proteus e a Klebsiella.

Alguns dos factores que podem aumentar o risco de um homem desenvolver infecção urinária são:

- Ingerir poucos líquidos
- Esvaziar a bexiga de modo incompleta ou pouco frequente
- Presença de pedra (cálculo) renal
- Praticar sexo anal sem preservativo
- O uso de determinados medicamentos
- Ser diabético
- Apresentar hiperplasia benigna que ocasiona resídu-

os.

Além disso os homens que ainda não são circuncidados também têm maior probabilidade de desenvolver infecção urinária pois dificulta a limpeza e aumenta o risco de proliferação do micro-organismo no local.

PRINCIPAIS CAUSAS DE INFECÇÃO URINÁRIA NAS MULHERES

Infecção do trato urinário é caracterizada pela presença de bactérias com destaques para a Echericha cóli, na uretra, na bexiga ou nos rins; esse quadro pode evoluir com diversos sistemas como dor para urinar e urgência urinário ou ser assintomático ou ser silencioso. Esse tipo de infecção é bastante comum nos consultórios e afecta tanto homens quantas mulheres. No entanto, o sexo feminino, devido a algumas características fisiológicas próprias da mulher, é bem mais acometido.

CAUSAS DE INFECÇÃO URINÁRIA EM MULHERES

Existem diversas causas de infecção urinária em mulheres, onde detalhamos alguns tais como:

MÁ HIGIENE

A vagina e o pénis são naturalmente livres de bactérias. No entanto a má higiene ou a falta dela permite que as secreções produzidas por essas regiões se acumulam, criando um ambiente propício para o crescimento de bactérias.

A mulher tem outro fac-



tor de risco importante que é a proximidade da região anal com a vagina.

É importante saber que no intestino vivem diversas bactérias que participam no processo de digestão e saem nas fezes. Se a higiene for feita de forma errada, ou seja, do ânus em direção a vagina, haverá contacto com as bactérias das fezes que pode causar a infecção urinária.

É por isso que se recomenda que se realize a higiene com ducha de água ou usar papel higiênico com uma porção para o ânus e outra para a vagina após defecar.

RELAÇÕES SEXUAIS

Como é falado, para que a infecção ocorra é necessário que a bactéria suba pelo trato urinário; esse processo é facilitado durante a relação sexual, uma vez que a abertura da uretra fica mais exposta.

Para evitar a infecção urinária nesse caso se recomenda sempre urinar, após a relação sexual, a fim de limpar o trato urinário e higienizar a região com água e sabão.

TAMANHO DA URETRA

A uretra masculina é comprida uma vez que percorre todo o pénis.

Desta forma é mas difícil para os patógenos chegarem até a bexiga, que não ocorre com a mulher, que tem uma uretra até 3 vezes mais curta.

MUDANÇAS HORMONAIS

A vagina tem defesas naturais contra as bactérias. Essa região por exemplo é rica em uma substância chamada mucina que dificulta a aderência de agentes patógenos. No entanto mudanças hormonais podem alterar a produção de mucina, prejudicando a defesa.

Mudanças hormonais – alteração que acontece quando a mulher transita do período de climatério para a menopausa.

FALTA DE HIDRATAÇÃO

É fundamental tomar bastantes líquidos ao dia para evitar episódios de infecção urinária. Isso porque a urina ao passar pelos compartimentos da uretra arrasta consigo possíveis bactérias que penetram pela vagina ou pelo pénis. Quem consume pouca água, permite a ascensão das bactérias através da uretra.

DIAGNÓSTICO DE INFECÇÃO URINÁRIA.

Exame de urina – é o método mais frequente usado para realisar diagnóstico.

A urina é analisada a procura leucócitos e traços de sangue, sinais de infecção.

Cultura de urina – este exame ajuda a identificar a bactéria e quais medicamentos são mais eficazes contra essa bactéria. Este é o melhor exame para identificar a Infecção e a bactéria causador dela.

Exame de imagem – pode-se também optar por realizar uma tomografia ou ultrassonografia para identificar possíveis anormalidades no seu trato urinário.

Cistoscopia – também pode haver a possibilidade de se realizar esse exame para analisar as paredes internas da bexiga e de uretra a fim de identificar a causa da Infecção.

TRATAMENTO DA INFECÇÃO URINÁRIA

O tratamento da Infecção urinária varia muito de acordo com o tipo de cada Infecção e sua gravidade também.

Geralmente o tratamento é feito a base de antibióticos. Mas o médico também poderá receitar um analgésico para aliviar a dor e ardência ao urinar, entre outros medicamentos.

Tratamento também varia de acordo com a frequência que o paciente apresenta quadros infecciosos.

Exemplo de medicamento

- Amicacina
- Amoxicilina clavulato de potássio;
- Cefalexina;
- Ceftriaxona;
- Doxiciclina;
- Bactrim;
- Norfloxacin.

FACTORES DE RISCO

As infecções urinárias são mais comuns em pessoas cuja uretra é menor como é o caso do sistema reprodutor feminino.

- Ter vida sexualmente activa facilitar a Infecção urinária, especialmente as vaginites na mulher;
- O uso de alguns tipos de contraceptivos espermicidas;
- Após a menopausa as infec-



ções urinárias podem acontecer com mais frequência do que antes devido a baixa quantidade de estrogénio;

- Cálculo renais;
- Sistema imunitário deprimido;
- Uso de sonda vesical sobre tudo.

PREVENÇÃO

Algumas medidas podem prevenir Infecção urinária, sejam elas de que tipos forem.

- Beba muito líquido, especialmente água, pelo menos 1,5 litro o que ajuda a eliminar as bactérias do organismo.
- Limpe-se após urinar para evitar que bactérias se acumulem no local e entrem no tracto urinário.
- Urinar após as relações sexuais para esvaziar a bexiga.

Beba muita água para ajudar a diluir a urina também.

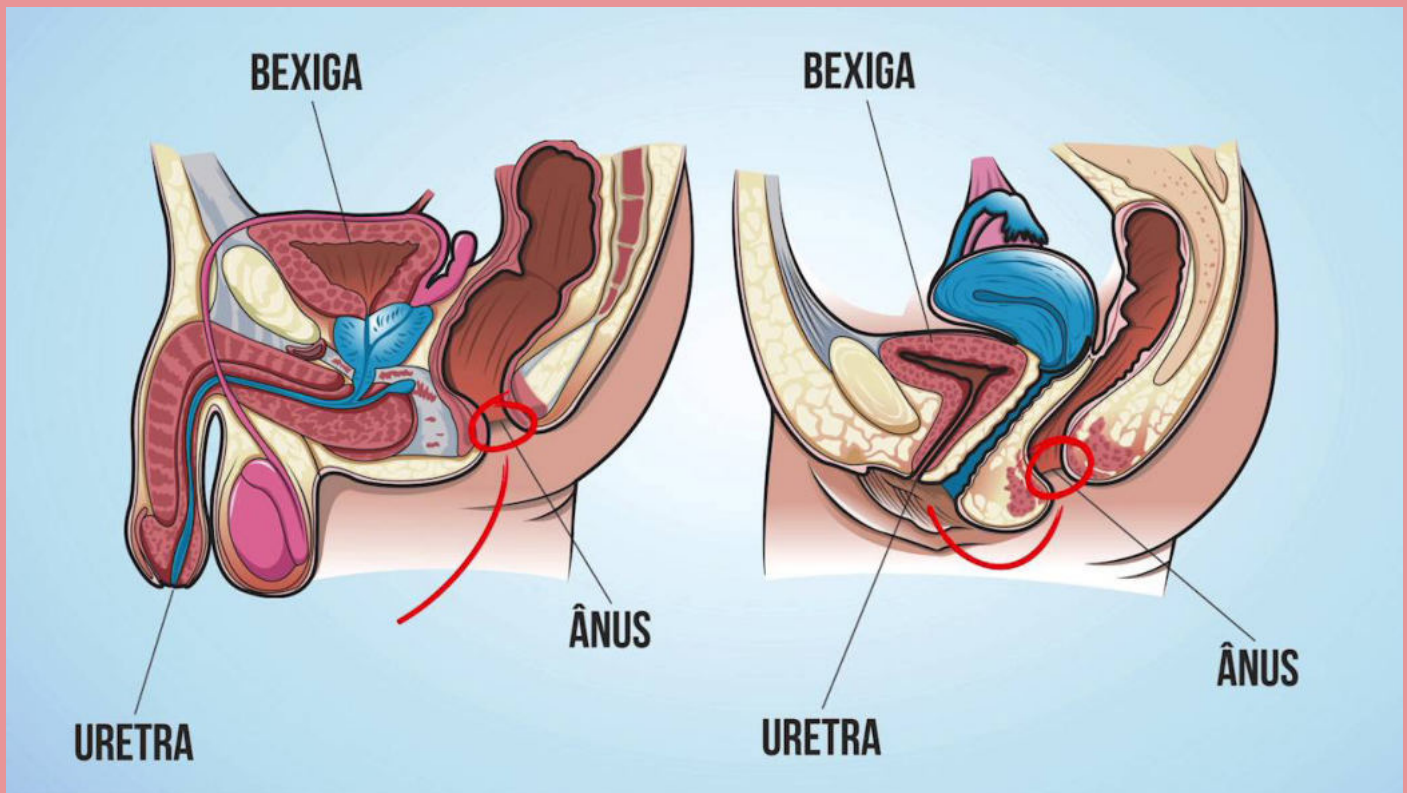
- Use absorventes externos.
- Lavar região genital externa com água e sabão após a relação sexual;
- Após urinar e defecar sempre limpar a região íntima de frente para trás a fim de evitar a fim de evitar a chegada de bactérias E. coli na vagina, já que esta encontra-se presente na região anal e perianal, sendo a principal causadora de Infecção urinária;
- Esvaziar completamente a bexiga toda a vez que urinar, para evitar a urina residual que aumenta as chances de Infecção urinária;

COMPLICAÇÕES DA INFECÇÃO URINÁRIA

Se não for tratado, a infecção urinária pode causar outras complicações como infecção dos rins chamada de Pielonefrite ou até mesmo evoluir para casos de septicémia, ou Infecção generalizada.

A INFECÇÃO URINÁRIA É TRANSMISSÍVEL?

A infecção urinária não é uma doença de fácil transmissão, e embora a uretra da pessoa tenha bactérias estas podem não se proliferar no seu parceiro, no entanto, isso depende do sistema imune do parceiro. Pessoas saudáveis têm poucas chances de serem contaminadas durante uma relação sexual, mas as chances aumentam quando tem um sistema imune enfraquecido.



PERFIL

1.Nome?

R: Pedro José (Kanana);

2.Filiação?

R: José Kanana e de Avelina Júlia;

3.Data de nascimento?

R: 15 de Julho de 1959;

4.Naturalidade?

R: Balombo/Benguela;

5.Estado civil?

R: Solteiro;

6.Patente?

R: Major;

7.Peso?

R: 62 kg;

8.Altura?

R: 1, 74 cm;

9.Número de filhos?

R: 13;

10.Habilitações literárias?

R: Ensino Médio concluído. Curso de Ciências Sociais;

11.Nº do calçado?

R: 42;

12.Data de incorporação?

R: 03 de Março de 1987 (Centro de Instrução do Casseque Benguela) nas FAPLA;

13.Data de Incorporação nas FAA?

R: 1992 (Huambo, Escola Gomes Spencer);

14.Formação Militar?

R: Formação Básico Militar, Curso de Metodologia de Instrução, Curso de Formadores na Escola Preparadores de Quadros de Caçadores (Cabo Ledo), Escola Inter-Armas (Curso de Preparadores de Quadro), Curso de Qualificação de Oficiais Capitães e Subalternos (Lobito);

15.Função?

R: Primeiro Professor de Tática Individual de Combate na Cátedra de Formação Militar Geral;

16.O que lhe marcou mais durante estes anos?

R: O que mais me marcou foi em a Guerra dos 55 dias em 1992 na altura estive hospitalizado. No meio daquela confusão recebi a guia de evacuação para Benguela mas em estado crítico de saúde. Depois de melhorar fiquei colocado aqui nestas instalações na altura Escola (provisória) de Sargentos do Centro Sul;

17.Que posto desejaria alcançar na vida militar?

R: No mínimo a posto de Comandante de uma Sub-Unidade ou mesmo de uma unidade;

18.Que acontecimento histórico de Angola foi mais marcante para si?

R: A Guerra de 2002 que tantas vidas ceifou, e a conquista da paz nacional que não foi nada fácil;

19.Prato preferido?

R: Funge com Calulu;

20.Frutas preferidas?

R: Banana dondi, Melancia e Ananás;

21.Desporto preferido

R: Ginástica e marcha forçada;

22.Clube preferido?

R: 1º D'agosto;

23.Religião?

R: Católico;

24.Perfume preferido?



R: DG Blue;

25.Peça de roupa preferida?

R: fato social para ocasiões especiais e para saídas esporádicas, calças, camisa e sapatos;

26.Programa televisivo?

R: Telejornal e Fala Angola;

27.Cidade preferida?

R: Huambo;

28.Leitura

R: Livros científicos ligados a arte militar;

29.País que gostaria de conhecer?

R: Estados Unidos da América (EUA);

30.Conselho para juventude que está ou que queira ingressar às Forças Armadas Angolanas:

R: O meu conselho para os novos, é que venham com o espírito de camaradagem e patriotismo, porque estarão a servir a pátria e o bem estar dos angolanos. Que sejam dedicados aos estudos, sejam obedientes, praticantes de desporto e procurar evitar as drogas e as más companhia.

HINO DA AMEx

“HONRA À UNIDADE NACIONAL”

I

*No coração de Angola Pátria amada
Brotou uma semente poderosa
Academia Militar do Exército
Luzeira da investigação científica
Somos valorosos Cadetes
Amantes da arte militar
Forjados na tática de combate
Unidos na camaradagem*

Refrão [2]

*Com orgulho e bravura
Somos jovens militares
Que ostentamos a nobre Insígnia
Da Academia Militar do Exército*

II

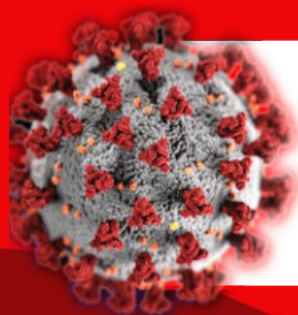
*Vitoriosos a nossa meta alcançaremos
De ser Oficiais do Exército angolano
Em prol da defesa da Nação
Para glória do nosso povo
Em memória dos nossos heróis
Içamos a nossa bandeira
Símbolo da angolanidade
Honra à Unidade Nacional*

Refrão [2]

*Com orgulho e bravura
Somos jovens militares
Que ostentamos a nobre Insígnia
Da Academia Militar do Exército*

LETRA: T. CORONEL - ANTÓNIO JOSÉ MIRANDA





PREVINA-SE

A PANDEMIA AINDA NÃO ACABOU!

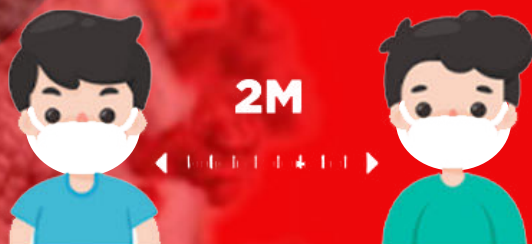
Vaccine-se e mantenha as outras medidas de prevenção contra a COVID-19



Use máscara em locais públicos



Higienize as mãos sempre que puder, com água e sabão ou álcool em gel



Mantenha a distância, de pelo menos dois metros de outros

